

FRANCISCO TOPA

VERSOS DO MONTE TESTÁCEO

Crónicas luso brasileiras

sete e oitocentistas



sombra pela cintura

1809 ITALY

Francisco Topa

Versos do Monte Testáceo

*Crónicas luso-brasileiras
sete e oitocentistas*



sombra pela cintura

Porto

Design gráfico da capa: Bruno Bento

Depósito legal

ISBN
978-989-53548-1-8

Entrei com a sombra pela cintura como algo conquistado
Com o sangue a escorrer-me para os pés. Mas mesmo
Que não sangrasse eu entrava em triunfo
Inteiraente vencido.

Daniel Faria

Porto • 2022

Índice

Nota de apresentação	5
<i>Crime e castigo no Porto de setecentos: relato poético de um enforcamento falhado</i>	7
<i>A sátira depois da morte: um testamento em verso do Governador Luís Baía Monteiro, o Onça</i>	49
<i>Um inventor poeta: a geleia de Alexandre Inácio Silveira oferecida à Princesa do Brasil</i>	65
<i>Um desafio em forma de enigma proposto a Basílio da Gama</i>	75
<i>João António Frederico Ferro e a invasão francesa de 1809: O saque dos conos</i>	87
Proveniência dos textos	103

Nota de apresentação

É recorrente a queixa de que se escreve e publica demais, sobretudo no domínio da literatura. A queixa não é de hoje e será uma das justificações para a dimensão do limbo em que jazem, com razão ou sem ela, tantos textos e autores, geralmente designados por metáforas pouco simpáticas. Ao rol existente, talvez possamos juntar a de Monte Testáceo.

Tratava-se, como bem sabem os classicistas, de um monte artificial em Roma resultante da acumulação de cerca de 30 milhões de ânforas partidas. A explicação, embora um tanto estranha, é simples: as ânforas eram usadas sobretudo para a importação de azeite, que era depois vazado para recipientes mais pequenos; como não era rentável lavá-los e transportá-los de volta para serem reutilizados, os vasos eram quebrados e depositados de forma ordenada num espaço que viria a converter-se num monte. O caso é duplamente interessante: por um lado, antecipa alguns aspetos da sociedade de consumo atual, que se debate também com o problema da falta de rentabilidade da reciclagem de certos objetos; por outro, porque o *lixo* se converteu numa espécie de tesouro, permitindo a arqueólogos e historiadores reconstituírem com grande pormenor os contornos do comércio de azeite e de outros aspetos da economia romana.

Os textos que servem de base aos estudos que formam este volume não são tão ricos quanto as ânforas do Monte Testáceo. Apesar disso, mostram como aquilo que certas épocas consideraram indigno do prelo

(quase todos eles permaneceram manuscritos) pode ser relevante para a compreensão de aspetos históricos ou de episódios particulares: da sátira a um governador do Rio de Janeiro ao relato paródico do ataque das tropas napoleónicas a um convento, passando pela narração do caricato enforcamento falhado (por afogamento prévio) de um malfeitor, por um engenhoso enigma proposto ao poeta brasileiro José Basílio da Gama ou por uma (misteriosa) invenção alimentar oferecida à Princesa do Brasil – todos estes textos contêm informação histórica com alguma importância. Além disso, e mesmo não sendo poesia de altíssima qualidade, tais versos são interessantes pelo facto de nos mostrarem que, ontem como hoje, há formas diversas de praticar a arte verbal, em função de diferentes conceções e finalidades, não imediatamente redutíveis a uma hierarquia.

Visto de longe, o Monte Testáceo não sofrerá por certo nenhuma alteração devida a estes despreziosos estudos. Mas talvez o eventual leitor ganhe alguma coisa com a reciclagem destes versos.

CRIME E CASTIGO NO PORTO DE SETECENTOS:

relato poético de um enforcamento falhado

A passagem dos 150 anos da abolição da pena de morte em Portugal para os crimes civis¹ constitui uma boa oportunidade para trazer a público uma espécie de crónica poética sobre um enforcamento falhado no Porto de setecentos. Sem nome de autor e sem data, o texto intitula-se “Egloga dos Pastores/ Gil e Torcato/ Silva burlesca:/ contando as perversas açoens de hum insigne/ ladrão, pirata, e matador que se enforcou no/ Porto chamado o braço forte.”. O poema, como tantos outros de tipo circunstancial e orientação burlesca, terá tido apenas circulação manuscrita, estando recolhido numa miscelânea, também não datada, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: trata-se do Ms. 388, intitulado «Coleção/ De varias/ Obras/ Poeticas./ Tomo/ 1», em que ocupa os ff. 61v-75.

A força e o enforcado têm tido assinalável presença na literatura e na arte em geral, particularmente na pintura. Isso deve-se, antes de mais, à importância desses motivos na vida social – que felizmente tem vindo a desaparecer nos dois últimos séculos, pelo menos como punição² –, mas está também relacionado com temas conexos, como sejam a morte, a justiça ou o erro. Tendo sido durante muito tempo a principal forma de execução, a força impôs-se como uma espécie de teatro, com uma coreografia própria e um leque alargado de atores, visando um propósito

¹ A 1 de julho de 2017.

² Embora ainda esteja bem presente na memória coletiva o enforcamento, por exemplo, de Saddam Hussein, antigo presidente do Iraque, no final de 2006.

teoricamente instrutivo e dissuasivo, mas com uma inevitável componente recreativa que ajudava a gerir tensões, coletivas e individuais. Além disso, a dimensão de *performance* tornava cada ato único, abrindo a possibilidade da surpresa, do inesperado, do “milagre”. Para além da reação do condenado, que podia ir da contrição humilde até ao desprezo sarcástico e altaneiro, também a morte podia ser mais ou menos rápida, com maior ou menor sofrimento do executando, havendo ainda espaço para o imprevisto, de tipo sério (como a revelação da inocência do sentenciado), cómico (uma queda na escada de acesso ao cadafalso ou o rompimento da corda, por exemplo) ou sobrenatural (é longa a lista de milagres deste tipo, sobretudo no período medieval, a começar pelo que é atribuído a Santo António e que permitiu a salvação do seu pai e passando pela complexa tradição que envolve a lenda do senhor do galo de Barcelos³). No caso da literatura portuguesa não faltam exemplos – de Gil Vicente a Camilo – da presença de figuras de enforcados ou da alusão a enforcamentos, embora sejam raros os casos em que o tema ocupa uma posição central ou suscita uma reflexão mais complexa, do género da que nos oferece o ensaio de 1931 de George Orwell, *A Hanging*.

O poema que motiva este capítulo – e cuja edição anotada apresento no final – tem a particularidade de ser uma espécie de crónica, em registo burlesco, de um caso caricato (o condenado à forca acaba por morrer afogado). Apresenta-se assim como um bom exemplo das singulares relações entre literatura e história, duas formas diferentes de ler e dizer o mundo, mas que se alimentam de forma recíproca. De facto, e reconhecendo embora as especificidades e as convenções do discurso literário, há no poema uma dimensão histórica, pelo menos dupla: por um lado, uma série de elementos para a história cultural e das mentalidades, relacionados com as representações da morte por decisão judicial; por outro,

³ Cf. Lima, 1965.

um conjunto de informações documentais sobre um processo e o respetivo cerimonial.

Como veremos mais à frente, é provável que o acontecimento em causa, a ter ocorrido, date do final do século XVII ou do início da centúria seguinte, meia dúzia de décadas antes de uma obra que começaria a mudar de modo decisivo o pensamento europeu e americano em matéria de direito penal, abrindo assim caminho para a abolição da pena de morte: *Dei delitti e delle pene*, de Cesare Bonesana, Marquês de Beccaria, cuja 1.^a edição, ainda anónima, é de 1764. No capítulo 11, “Della tranquillità pubblica”, encontramos um conjunto de perguntas que mostram com clareza a orientação iluminista da reforma proposta pelo autor:

Ma quali saranno le pene convenienti a questi delitti? La morte è ella una pena veramente *utile e necessaria* per la sicurezza e pel buon ordine della società? La tortura e i tormenti sono eglino *giusti*, e ottengono eglino il *fine* che si propongono le leggi? Qual è la miglior maniera di prevenire i delitti? Le medesime pene sono elleno egualmente utili in tutt'i tempi? Qual influenza hanno esse su i costumi?⁴ (Beccaria, s.d.: 30)

Para além das restrições que coloca à pena capital, Beccaria também condena o espetáculo que acompanha as execuções, sublinhando o seu efeito perverso sobre quem assiste:

La pena di morte diviene uno spettacolo per la maggior parte e un oggetto di compassione mista di sdegno per alcuni; ambidue questi sentimenti occupano più l'animo degli spettatori che non il salutare terrore che la legge pretende ispirare.⁵ (Beccaria, s.d.: 71)

⁴ Tradução (minha): “Mas quais serão as penas adequadas para esses crimes? A morte é uma pena verdadeiramente *útil e necessária* para a segurança e para a boa ordem da sociedade? A tortura e o tormento são *justos* e asseguram *os fins* a que as leis se propõem? Qual é a melhor maneira de prevenir os crimes? As mesmas penas são igualmente úteis em todos os tempos? Que influência têm elas sobre os costumes?”

⁵ Tradução (minha): “A pena de morte converte-se num espetáculo para a maior parte e num objeto de compaixão misturado com desdém para alguns; ambos os sentimentos

Esta análise das práticas penais como parte da anatomia política seria desenvolvida séculos depois por Michel Foucault, no seu clássico livro de 1975, *Surveiller et punir: Naissance de la prison*⁶. No capítulo II, intitulado “A ostentação dos suplícios”, o pensador francês analisa com grande finura os contornos e as finalidades daquilo a que chama a liturgia da punição, considerando que:

O suplício penal não corresponde a qualquer punição corporal: é uma produção diferenciada de sofrimentos, um ritual organizado para a marcação das vítimas e a manifestação do poder que pune: não é absolutamente a exasperação de uma justiça que, esquecendo os seus princípios, perdesse todo o controle. Nos “excessos” dos suplícios se investe toda a economia do poder. (Foucault, 1986: 35)

Na *Égloga dos Pastores Gil e Torcato* não há, evidentemente, nem oposição à pena de morte nem reflexão sobre o significado do ritual que a acompanha. Em vez disso, temos a celebração zombeteira do enforcamento como castigo, ao longo de um texto que contém numerosas informações sobre um processo e o seu cerimonial. É justamente por este aspeto que começarei a breve análise do texto.

Para aferir convenientemente o valor de tais informações, importaria confrontar o poema com outras fontes, designadamente o processo judicial – admitindo que a silva burlesca usa como ponto de partida um caso *real*, efetivo. Este é, contudo, um caminho sem saída, pelo menos de momento: não consegui encontrar a documentação forense nem identificar o réu e a própria datação dos acontecimentos é incerta.⁷ Torcato,

ocupam mais a mente dos espectadores do que o saudável terror que a lei pretende inspirar.”

⁶ Usarei a tradução brasileira referida na bibliografia final.

⁷ Não chegou até nós a documentação do Tribunal da Relação do Porto anterior ao século XIX. Por outro lado, o rol de executados que António Luís de Sousa Henriques Secco (1880) elaborou também não inclui nenhum caso semelhante ao que está em análise.

o pastor que no poema relata e comenta o acontecimento público, identifica o réu pela alcunha de Braço Forte⁸ e assaca-lhe dois tipos de atividades criminosas: por um lado, o ataque a navios, o saque dos seus bens e a morte dos seus ocupantes (o que faria dele “Mouro na vida, Turco nos costumes”, v. 176); por outro, o plano para fazer explodir a enxovia em que estava preso (vv. 320-4), atingindo o Tribunal da Relação do Porto. Parece ser esta última a causa da sua condenação à morte: “até que sendo disto delatado,/ o deu a Relação por condenado.” (vv. 357-8). É justamente nessa longa passagem em que Torcato narra a carreira criminal do Braço Forte, numa tentativa de convencer o seu interlocutor da sem-razão das suas mágoas, que surge um elemento que ajuda a localizar no tempo os supostos acontecimentos: na opinião do pastor, os *Garmachas* “pios são em tal maneira/ que mandaram à força da Ribeira/ a quem por ser rapina aquém das telhas/ merecia enforcar-se em Mijavelhas.” (vv. 155-9). O lugar de Mijavelhas, correspondente ao atual Campo 24 de Agosto, tinha, segundo Magalhães Basto (1963: 188), uma força que pertencia ao concelho e era reservada para a execução de ladrões. Ora, essa força só terá existido até pouco depois de 1714, data em que a Misericórdia – a quem competia acompanhar os sentenciados – apresenta uma petição reclamando a sua transferência para a Ribeira, usando como argumento a grande distância entre a cadeia e o lugar de Mijavelhas (*Collecaõ Chronologica*, 1791: 294-5). Com base nestes elementos, podemos, pois, admitir que o caso se terá passado entre o final do século XVII e a primeira quinzena de anos de setecentos, num período em que as duas forças (a de Mijavelhas, do Concelho, e a da Ribeira, da Relação) funcionaram em simultâneo.

Menos controvertida é a descrição do cortejo, que coincide de forma próxima com a reconstituição de Magalhães Basto (1934: 486-8): o

⁸ Designação igualmente usada em diversos poemas satíricos pelo baiano Gregório de Matos para se referir ao criado do governador António de Sousa de Meneses.

préstito sai da cadeia da Relação com pompa comparável à de um triunfo romano (vv. 369-73); o condenado, que “a rasoura levou de mui bom corte” (v. 94), “Gadelheira não leva nem peruca” (v. 385) e vai “bem amanhado” (v. 377), “a alva sobre si” (v. 386), “de ponto em branco, as cores de adamado” (v. 378) e “nas esposadas mãos levava um Cristo” (v. 381); quanto ao acompanhamento, “nas costas uma tropa se lhe via/ e na vanguarda a nobre Infantaria” (vv. 395-6). O percurso também coincide globalmente com o que está descrito na bibliografia histórica: desce a Ferraria (hoje Rua dos Pelames), segue pelo Souto e depois pela Bainharia e Mercadores, chegando à Ribeira, “onde o conforto/ a Emperatriz do Céu lá sobre a porta;/ e ouvindo meia Missa com fervor,/ deixou a outra meia a um caçador” (vv. 467-70). A dimensão pública do evento também é destacada: “Fervendo estava a praia com a gente,/ homens, mulheres ordenadamente,/ grandes, piquenos, nobres e o plebeu,/ até colos de canga e cus de breu.” (vv. 481-4). O desfecho (verídico ou ficcional?) do caso parece constituir uma forma adicional de sátira: ao subir a escada para o cadafalso, “mentindo-lhe um pé que mal firmou,/ dela caiu abaixo e se afogou” (vv. 499-500)⁹. A morte acaba assim por cumprir-se e o corpo dará mais tarde à costa, depois de “um geral clamor e gritaria” (v. 501) e da exclamação do confessor: “– Oh, quem pegara em ti quando caíste,/ alma minha gentil que te partiste!” (vv. 515-6).

Como ficou dito, este relato surge enquadrado numa égloga, modalidade clássica da poesia bucólica quase sempre marcada pelo diálogo entre pastores, que discutem amores não correspondidos ou, mais raramente, refletem sobre questões morais ou filosóficas. No caso que nos ocupa, os elementos iniciais parecem apontar para o respeito por esse

⁹ O cariz burlesco da passagem parece indesmentível, tanto mais que a força da Ribeira era – pelo menos desde 1709 – um dispositivo fixo, colocado entre a Porta da Ribeira e o Pelourinho, a uma distância que tornava impossível a queda no rio.

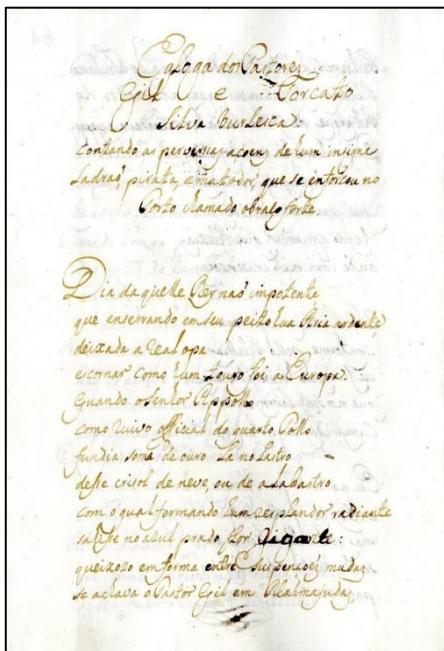
modelo: um dos pastores, Gil, dirige em vão as suas queixas, de sentido impreciso, aos elementos da natureza, primeiro a fonte de Malmajudas, depois os rochedos dos Guindais. Mas, como o subtítulo o indicava já, esta égloga assume a forma de uma silva burlesca, pelo que os sinais de paródia não tardam a surgir, traduzindo-se em expressões de tipo popular ou até grosseiro e obsceno, num registo satírico cujo alcance não é imediatamente compreensível. À primeira vista, o alvo é Gil, que esteve a ponto de suicidar-se por causa do desgosto provocado pela morte do criminoso alcunhado Braço Forte. Didaticamente, Torcato, o outro pastor, desconstrói a imagem do malfeitor e relata a sua execução, convencendo temporariamente o seu interlocutor da falta de sentido do seu sofrimento: “Com olhos rasos de água ali se via/ o Pastor Gil, mas ela não corria,/ pois os canos por onde transbordava/ Torcato com rezões logo as secava” (vv. 281-4). Porém, o desfecho escatológico do poema parece sugerir uma crítica bem mais larga, que abarca o mundo e os seus valores, indo assim muito para lá dos reparos pontuais que vão surgindo ao longo do texto, dirigidos a práticas como os amores freiráticos ou a instituições como a justiça.

Feitas estas considerações introdutórias, importa agora ceder a palavra ao autor anónimo de um poema cujo riso, como sempre acontece, parcialmente nos escapa, numa prova da instabilidade dos textos e da instabilidade do mundo. Antes de terminar, acrescento apenas que os critérios de transcrição usados são idênticos aos que tenho seguido para a edição de textos deste período¹⁰.

Bibliografia

Basto, A. de Magalhães (1934). *História da Santa Casa da Misericórdia do Pôrto*. Vol. I. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Pôrto.

¹⁰ Cf., por exemplo, Topa, 2012: 45-55.



Ms. 388 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, f. 61v

Basto, A. de Magalhães (1963). *Sumário de antiguidades da mui nobre cidade do Porto*. 2.^a ed. Porto: Livraria Progresso.

Beccaria, Cesare (s.d.). *Dei delitti e delle pene*. Letteratura italiana Einaudi (Edizione di riferimento: a cura di Renato Fabietti; Milano, Mursia, 1973). Disponível em <http://www.letteraturaitaliana.net/pdf/Volume_7/t157.pdf>. [Consulta em 08/12/2021].

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 388.

Bluteau, Rafael (1712-1728). *Vocabulario Portuguez e Latino (...)*. 10 vols. Coimbra / Lisboa: Colégio das Artes / Pascoal da Sylva / Joseph Antonio da Sylva / Patriarcal Officina da Musica.

(1791) *Collecção chronologica dos assentos das Casas da Supplicação e do Civel*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

Ferreira, J. A. Pinto (1953). "A Praça da Ribeira". Separata do *Boletim Cultural*. Porto: Câmara Municipal. XV, 8 e 9.

- Foucault, Michel (1986). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lúcia M. Pondé Vassalo. 4.^a ed. Petrópolis: Vozes.
- Jorge, Ricardo (1999). *Francisco Rodrigues Lobo: estudo biográfico e crítico*. Reedição fac-similada. Prefácio de Rita Marnoto. Lisboa: Fenda.
- Lima, Fernando de Castro Pires de (1965). *A lenda do senhor do galo de Barcelos e o milagre do enforcado*. Prólogo de D. Ramón Otero Pedrayo. Lisboa: Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Gabinete de Etnografia.
- Meireles, Maria Adelaide de Azevedo (1981). A actividade livreira no Porto no século XVIII (Contribuição para o seu estudo). *Revista de História*. 4, pp. 7-22.
- Secco, António Luiz de Sousa Henriques (1880). *Memorias do tempo passado e presente para lição dos vindouros*. Vol. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Silva, António de Moraes (1889). *Diccionario da lingua portugueza*. 2 vols. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense.
- Topa, Francisco (2012). *Um G(onç)alo Renascido: poesia inédita do brasílico Gonçalo Soares da Franca*. Porto: Sombra pela cintura.

Égloga dos Pastores Gil e Torcato

Silva burlesca:

contando as perversas ações de um insigne ladrão, pirata e matador que se enforcou no Porto, chamado o Braço Forte.

Dia daquele Rei não impotente¹
que encerrando em seu peito uma Ásia ardente,
deixada a real opa,
escornar como um touro foi a Europa²;
5 quando o Senhor Apolo³,
como ruivo oficial do quarto Polo⁴,

fundia soma de ouro lá no lastro
desse crisol de neve ou de alabastro,
com o qual formando um resplendor radiante⁵
10 saísse no azul prado flor gigante;
queixoso em forma, entre suspensões mudas,⁶
se achava o Pastor Gil em Malmajudas⁷,
fonte que com a neve que desata
ao hidrópico Douro a sede mata,
15 o qual, como a barriga inchada sente,
sem constituir bicornes ao Grão Tridente⁸,
à barra corre para ali mijar
na pia de Anfitrite⁹, Sol do mar;
bem que podia algum juízo fino
20 dizer que o caso é contra o Tridentino¹⁰.

Nesta se achava fonte, como digo,
nem todo leite Gil, nem todo trigo¹¹,
pesado o vulto, carregada a frente,
um escândalo enfim da clara fonte,
25 que por não vê-lo tão brumado e triste,
corre com pés de prata e não lhe assiste.

“– Para, choroso diz, por que me deixas
sem o motivo ouvir de minhas queixas?
E se vês minhas penas tão agudas,

30 como agora a senti-las mal me ajudas?”
Mas ela que na cousa está mui fria,
se se movia, não se compungia;
antes bem com discurso e sem juízo
do que ouvia mijava-se com riso.
35 Virava-se o Pastor para os Guindais¹²
e com dobrados ais
formava seus queixumes aos rochedos;
porém eles, mais duros que uns penedos,
sentem só e sem medra,
40 mais que a de Gil, a sua dor de pedra,
pois que as de Frei Bretoldo Negro manhas
c’os negros pós lhes queimam as entranhas,
ao que devera ter horror não pouco,
o Pai Garcia não, mas o cabouco.¹³
45 Bem quisera queixar-se ao seu rebanho
que pelas penhas traz grosso e tamanho;
porém como o deixou nas Fontainhas¹⁴,
pausa pôs ao clamor e ladainhas.
Se olhara para os Crúzios¹⁵, que da Serra
50 com boa estrela estão fazendo guerra{,}
aos Serafins de Clara[,]¹⁶
fora-lhe a apelação não pouco cara,
pois aqueles com cruz, estes com penas,
as de Gil tornariam mais serenas;

55 porém enganaria-se o Pastor,
 julgando ser martírio o que era amor;
 e não se adoçam por comunicados
 males aos que de amor são inflamados,
 pois a de amor feliz correspondência
60 pede toda a atenção, toda a advertência;
 quanto mais que o rapaz Rei dos frecheiros¹⁷
 cego é nas grades, surdo nos outeiros;
 bem que poderá¹⁸ haver algum Pastor
 a quem dê audiência o mouco amor,
65 principalmente havendo ocasião
 de se chegar o báculo ao surrão¹⁹.
 Mas saibam as que acodem tanto ao bago²⁰
 que este esprimido dá sangue-de-drago²¹,
 o qual se é para as quedas frutuoso,
70 para as bentas das mãos é mui danoso.
 Enfim desenganado
 o Pastor Gil de não haver achado
 nem nos duros penhascos dos Guindais,
 nem nos da fonte fúlgidos cristais
75 alguma piedade,
 a afogar-se no Douro se persuade;
 e sem dizer o *vade retro*, logo
 com fúria, ímpeto e fogo,
 a seu Custódio esquerdo²² obedecendo,

80 ao *mitte te deorsum*²³ vai cedendo.
“– Para, tem mão, detém-te, mentecapto!”,
lhe diz clamando o bom Pastor Torcato²⁴,
 que vinha de caminho
de outra fonte que está no Carvalhinho²⁵.
85 “– Que é isto que fazer querias,²⁶
deixando cá o gado co’as tosquias?”
“– Que há de ser (lhe diz Gil), se tosquiado
me há o Demo um carneiro, não capado,
 mas morto com vergonha,
90 como se ele tivesse alguma ronha.”
“– É esse (lhe tornou Torcato) acaso
um que há dias na praia ficou raso²⁷,
 chamado o Braço Forte,
que a rasoura²⁸ levou de mui bom corte?”
95 “– Esse é (respondeu Gil agoniado)
e julgo não ser bem sentenciado,
pois era Herói de feitos tão famosos
como dirão os mares procelosos;
 mas os Senhores Becas²⁹,
100 cujas justiças são Secas e Mecas[,]
 ao calcanhar do Limbo
o irão pagar nas brasas do cachimbo,
que depois de fazer muitas das suas,
o tomou Lucifer numa das luas,

105 que como nas fumaças é famoso,
tomar sua³⁰ cachimbada foi forçoso.”
“– Tapa (acode Torcato) a boca, amigo,
que estes Garnachas³¹, nota o que te digo,
 quando não se acomodem,
110 inda que sabem pouco, muito podem;
e se sabem que és Zoilo³², mandarão
ao Senhor de Solar dar-te um gibão³³;
e não convém que um Mote que estes nota
nas costas de uma carta o glose um Mota.”
115 “– Assim é, meu Torcato, Gil replica,
mas sempre neste peito a mágoa fica
de ver mataram quasi de repente
outro Jacques do mar³⁴, sendo inocente.”
“– Que dizes, torna em ti (acudiu logo
120 o bom Torcato) e que me escutes rogo;
 dize-me: que proezas,
que bizzarrias fez, que gentilezas,
esse Braço a que o vulgo chama Forte,
sendo de todo o modo e toda a sorte
125 o mais frágil, mais débil e o mais fraco
que nas fronteiras militou de Caco³⁵?
Se souberas quem foi o Braço Forte,
jamais lhe sentirias sua morte,
antes te pejarias³⁶ de haver sido

130 amante de um sujeito tão perdido.
Dize-me: nunca ouviste
aquela horrenda voz e pregão triste
das muitas inclemências
que no mar fez a tantas inocências?

135 Dize: não te chegaram aos ouvidos
os lastimosos ais, tristes gemidos
de uma nobre donzela
que tirando-a da cama nua e bela,
no mar a lança, para a qual já vai
140 a ver nele também lançado o Pai,
servindo o mar de triste sepultura
à que era Sol flamante em fermosura?
Dize: não te chegou a que usou manha,
depois que obrou tão bárbara façanha,
145 mandando dos defuntos (traça horrenda!)
de noite à terra em barcos a fazenda
e dando de manhã fogo ao navio,
à praia se acolheu com falso brio,
imaginando o Povo eram queimados

150 os que a ambição no mar tinha afogados?
Aqui o tens por tão cruel traição
juntamente homicida e mais ladrão;
e se ainda³⁷ rezões achas
para culpares de ímpios os Garnachas,

155 sabe que pios são em tal maneira
 que mandaram à forca da Ribeira³⁸
 a quem por ser rapina aquém das telhas
 merecia enforçar-se em Mijavelhas³⁹.
 Passo em silêncio os mais que ao mar deitou

160 e a grande tirania que mostrou
 em um dos arrojados, que lançando
 mão de um calibre para se ir lançando,
 pela cabeça foi atravessado
 com um chuço por ele e ao mar lançado,

165 indo ensopado em sangue tão sem mágoa
 o corpo que ao depois se afogou n'água.
 Deixo também o tempo em que passou
 para um baxel de Mouros, em que andou
 feito cossário⁴⁰ vil, feito pirata

170 no rio, só por se engolfar da prata;
 vindo também à foz do rio Douro
 para levar o conjugal tesouro,
 se, por ter já seu génio exp'rimentado
 não lhe escapara como a renegado,

175 pois era já segundo alguns vislumes⁴¹,
 Mouro na vida, Turco nos costumes.

“Estas narradas em estilo seco
as gentilezas são deste Pacheco,

deste Albuquerque, deste Castro forte⁴²
180 e outros em quem poder não teve a morte;
bem que o nosso valente sem querer
da morte exp'rimentou o grão poder.

“Falar não quero em sua consciência,
pois debuxada fica na aparência;
185 mas se saber quiseses,
darei alguma cousa por saberes.
Se na nau Galga⁴³ alguém queria entrar,
cá fora havia as contas de deixar,
como se não pudessem do adversário
190 triunfar os três terços do Rosário,
c'os quais se viu o Turco com espanto
lá vencido no Golfo de Lepanto⁴⁴.

 Pois quanto à confissão,
nunca a sofria, quanto mais então,
195 imaginando acaso como errante
que em dizer que pecara era pecante⁴⁵!
Sendo que pela carga do pecado
muitos baixéis no mar hão naufragado,
como se viu na de Joppsen naveta
200 que assaz brumava o pecador Profeta⁴⁶,
se o marino Dragão já morto e vivo
do naufrágio não traga o incentivo.”

“– Certo que fico, amigo, esbasbacado⁴⁷
(lhe diz Gil) do que aqui me tens contado;
205 e se acaso o que dizes é verdade,
não se pode fingir maior crueldade.”

“– Adverte, Gil (lhe torna ali Torcato),
que não sou eu tão pouco timorato
que te dissesse cousas tão pesadas
210 sem que fossem por todos divulgadas;
mas já que ouviste os dotes daquela alma
que da afeição te tem levado a palma,
ouve agora pintar
de seu corpo o donaire, a graça e o ar.
215 Dize: em que foste pôr tua afeição?
Em um corpo de tal disposição
que tomou por empresa
nem ter nem fazer nunca gentileza?
Em um rosto estafermo dos mosquitos
220 no qual fazem das suas os malditos?
Numa cara lá vinda do queimado⁴⁸,
de açúcar sim, mas esse mascavado?
Em uns olhos de coco-da-Baía
que podem fazer medo à rapazia⁴⁹?
225 Em um nariz que por desgraça sua

o viste sempre estar no andar da rua?
Em uma boca (não de Sacavém)⁵⁰
que ao feitio do cu serralhos tem?
Enfim numa estatura e corpo guapo
230 de ratinho que a um gato não faz papo?⁵¹
Este é, Gil, o composto
por quem banhas em lágrimas o rosto?
Este é o gentil-homem cuja morte
sentes com tanta mágoa e pena forte?
235 Para sentir-se a morte de Absalão
pendente de um carvalho⁵², houve rezão,
pois ainda⁵³ que mofino, essa fineza
era tributo à sua gentileza!
Mas que um Judas⁵⁴ tão feio, sobre mau,
240 por inforçar-se em outra planta ou pau,
possa haver quem lhe sinta a sua morte,
não se poderá crer de alguma sorte!
Se se inforcara o caro Mardoqueu⁵⁵,
todos o sentiriam, também eu;
245 mas que um Amã na forca pendurado
que o lamentasse alguém, não o hei achado!
Se o grato e leal Cusai⁵⁶ se vira morto,
ficara o sentimento nele absorto,
mas que se sinta a forca a Aquitofel⁵⁷,
250 nem ele mesmo o diz, sendo infiel!

Mais exemplos pudera aqui trazer
sem a fábula alguma recorrer,
mas estes bastarão
para moderar, Gil, tua paixão.”

255 “– No que dizes estou (diz Gil) agora,
mas qual foi, dize, a causa da demora
desse homem tão daninho
não morrer ou na forca ou pelourinho?”

260 “– A causa foi (Torcato a Gil responde)
ou porque Pedro, a quem o Céu esconde,
não quis usar do ferro contra Judas,
tendo para o fazer rezões miúdas
(pois ainda⁵⁸ na ocasião mais brava e irada,
das orelhas não passa alçando a espada⁵⁹),

265 ou porque entenderia
que algum dia o ladrão se enforcaria,
maiormente no tempo em que João
dos crimes já sabia do ladrão;
ou também porque os Becas, quais Romanos,
270 se quiseram mostrar com ele humanos,
de algum modo outorgando-lhe perdão
pela aura popular de alguma ação
da morte indigna como foi aquela

que obrou nos mares, onde com cautela
275 vencendo-o o inimigo atroz, que a pique
lhe metia o baxel, porque não fique
em seu poder, num férreo globo em volta
a bandeira real no lago solta;
ação digna de peitos mais sublimes!
280 Porém este a eclipsou com tantos crimes.”

Com olhos rasos de água ali se via
o Pastor Gil, mas ela não corria,
pois os canos por onde transbordava
Torcato com rezões logo os secava;
285 se bem não tinha Gil inda esgotado
algum cano, pois vejo-o um tanto aguado,
deve de ser que tem alguns raposos
que são carnosidades dos chorosos,
e fora mui pior ter o rapaz
290 neto da espuma, filho do Forjaz.⁶⁰
Porém n’arca dos olhos já não tinha
ao morto algum amor, que a ladainha
que lhe cantou Torcato lho trocou
num fastio fatal com que ficou;
295 e assim, sem mágoa e dor,
a Torcato replica o bom Pastor:
“– Se esse homem já estava perdoado,

como saiu à praça condenado?”
“– A rezão é (lhe torna ali Torcato)
300 porque fazer queria um desacato
tão fero, horrendo, ingente e temeroso
que quando o ouvisse o Douro de medroso,
com o rabo metido entre as pernas,
se acolheria às infernais cavernas.
305 Caso de tanto estrago e tanto estrondo
que toda aquela máquina em redondo
da Relação, dos Bentos⁶¹, Anjo⁶² e Graça⁶³
se sumiria na fatal desgraça
e pode ser que como extraordinário
310 chegasse aos Carmelitas e ao Calvário⁶⁴;
não falo já nas casas mais vezinhas
que a respeito dos Templos são casinhas,
mas tudo ficaria arruinado
pelo poder do Braço Forte armado.”
315 “– Que Diabo era isso (Gil instava)
e que raio voraz ou fera brava,
pois segundo mo inculcas, por tramoia
o cavalo parece ser de Troia?”
Já Torcato à proposta diferia:
320 “– Isso não era, Gil, mas na enxovia
intentava o valente fazer mina
recheada c’os pós que Marte ensina⁶⁵,

para que com o fogo em um instante
tudo abrasasse quanto visse diante.

325 Vê tu agora, se isto sucedesse
em alguma manhã quando estivesse
o sacro Presidente em Relação;
valha-me Deus! Que trágica aflição!
Que cruel pena! Que tirana dor

330 seria ver arder o bom Pastor,
cujas ovelhas bentas e sagradas
ficariam por cá desgovernadas!
Que lástima seria dos Garnachas
servindo ao fogo ali de secas achas!

335 Sem ponderar por ora que das chamas
poderiam passar as ígneas camas;
pois há justiças tais, segundo alcanço,
que esperar podem só este descanso.
Que seria do Povo em tal estrago

340 vexado⁶⁶ c'o bastão que anda c'o bago?
É certo que se fosse então queimado,
não poderia ser mais abrasado.
Que seria enfim, Gil, do Braço Forte,
maquinador da sua mesma morte!

345 Algoz da própria vida
e dos mais presos bárbaro homicida!
Ele daquele fogo passaria

o grande Capitão da fama o Décimo,
a quem o astuto cobra em tudo péssimo,
375 se Excelências⁷⁷ não dava,
com Senhorias⁷⁸ mil lisonjeava.
Saiu numa manhã bem amanhado,
de ponto em branco⁷⁹, as cores de adamado⁸⁰,
 espetados os olhos,
380 que do alentado peito são ferrolhos;
nas esposadas mãos levava um Cristo⁸¹
que jamais até 'li havia visto,
e para lhe falar um par não mingua⁸²
de Jesuítas que lhe ensine a língua.
385 Gadelheira não leva⁸³ nem perruca⁸⁴,
mas a alva⁸⁵ sobre si e o sol na nuca.
Na garganta, qual bela e gentil Dama,
traz um cordão que afogador⁸⁶ se chama.
Para o servir o segue com primor
390 de sogá e de cutelo um Grão Senhor⁸⁷.
Não em carro tirado por Leões,
mas de tigres cercado e de escorpiões,
 vinha com gala e pompa;
e porque o reto curso ali não rompa,
395 nas costas uma tropa se lhe via
e na vanguarda a nobre Infantaria;
entre as quais, qual Heráclio⁸⁸ triunfador,

descalço leva a Cruz do Redentor.
As turmas juvenis⁸⁹, que sem trombetas
400 alternam agradáveis chançonetas⁹⁰,
no triunfo se mostram tão capazes
que não parece cousa de rapazes.
Os carros não se viam e as jangadas
nos triunfos de Roma celebradas,
405 que como o triunfo foi feito às carreiras
longe se achava a Ilha das Madeiras;
nem o ouro, a prata, as armas e os cativos,
estes porque no mar os lançou vivos,
e o mais porque servira ao luzimento
410 do vencedor, quando o vencia o vento.
Não se vê o Estandarte Rei dos panos
como o *Senatus Populusque Romanus*⁹¹.
Mas com as mesmas letras insinua⁹²
*Suspendatur Perversus Quercu ruat*⁹³.

415 Só a Águia coroada na bandeira
se vê pintada, sim, mas verdadeira,
pois a romana que dous colos tinha⁹⁴
essa Ave não é a Águia que é Rainha.

Chamava o pregão⁹⁵ diante com terror
420 para desenganar o Triunfador,

dizendo-lhe o que Roma ouviu dizer:

“Lembra-te que és mortal, que hás de morrer”⁹⁶.

Já caminhando a Ferraria⁹⁷ dece

e pelo metal duro não lhe esquece

425 seu bruto coração que na frieza

vencia ao mesmo ferro e na dureza.

Baixou logo aos Pelames⁹⁸

e co’ a memória em seus labéus infames,

lhe lembra por aqueles

430 quantos couros curtiu e esfolou peles.

Já pelo Souto⁹⁹ vai ou Solaria

e esta rua à lembrança lhe trazia

quantos deixou em couros lá nos matos,

quantos pôs em Aveiro sem sapatos¹⁰⁰,

435 e pasma, sendo tal, não haja mão

que lhe chegue com sola ao cordovão¹⁰¹.

À Padaria chega

e à consideração ali se entrega

de ver que sua sorte enfim mesquinha

440 nunca com ele fez boa farinha,

mas antes por paus hoje de tranqueiras¹⁰²

tirana o punha a pão já de padeiras.

Havia de tomar a Rua Escura¹⁰³,

mas como vai co'a alva outra procura;
445 esta lhe chama o vulgo Bainharia¹⁰⁴,
onde facas, cutelos a arte afia;
e quem pode negar que pela rua
lhe lembraria a crueldade sua,
da qual vencido era no mar tão fero
450 como em Castela Pedro¹⁰⁵, em Roma Nero¹⁰⁶?
Pelos Livreiros¹⁰⁷ passa devagar
e bem quisera esta alma ali comprar
do Mestre Inácio a doutrinal cartilha¹⁰⁸,
porém branca¹⁰⁹ não traz na branca almilha¹¹⁰.
455 Já pela Rua vem dos Mercadores¹¹¹
e ali lhe lembra entre mortais suores
que pela droga vil de seus enganos
vendera a primavera dos seus anos;
e as orelhas torcendo, à sua dor
460 as faz a Relação de mercador.

Chegado à Praça via as regateiras
de seu valor vulgares pregoeiras,
que noutro tempo, se como Egitanas¹¹²
lhe diziam bien-dichas¹¹³ muito humanas,
465 já suspendem por ora a ladainha,
pois do pregão a letra as reconvinha¹¹⁴.
À Ribeira chegou, onde o conforta

a Emperatriz do Céu lá sobre a porta;¹¹⁵
e ouvindo meia Missa com fervor,
470 deixou a outra meia a um caçador.
Pela porta saiu e vendo o Douro,
uns arrepios sente já no couro,
mas como muitas velas visse estar,
suas cócegas tem de se embarcar
475 e para o fazer passa o Pelourinho,
fazendo-lhe má cara e mau focinho.

Esperavam-no em seus baixéis nadantes
os de Setúval e Cascais mercantes;
os Suecos, os Ítalos e Ingleses
480 não faltam, porque em tudo são cortesés.
Fervendo estava a praia¹¹⁶ com a gente,
homens, mulheres ordenadamente,¹¹⁷
grandes, piquenos, nobres e o plebeu,
até colos de canga¹¹⁸ e cus de breu¹¹⁹.

485 Dar sua salva querem as fragatas,
mas por serem as pólvoras baratas
as tinha o Triunfador açarmarcadas¹²⁰
e para as Minas já dantes compradas.
A bordo quer chegar e pela escada
490 na nau dos três Reis Magos busca a entrada;

consigo leva o amigo executor,
mas outrem ninguém mais que o confessor,
que um Príncipe Cristão c'os seus amigos
só leva o confessor para os perigos.
495 Mas oh, desgraça! Oh, infortúnio incrível!
Oh, caso horrendo! Oh, dor a mais terrível!
O caso foi que mal subindo a escada,
lhe acontece uma cousa desestrada,
pois mentindo-lhe um pé que mal firmou,
500 dela caiu abaixo e se afogou.

Houve um geral clamor e gritaria
na praia em toda a gente que isto via;
uns c'ò credo na boca tudo atroam,
outros c'ò nome de Jesus se escoam.
505 Começam-se a formar vários juízos,
segundo os da maré diversos visos,
e entre a espuma que faz se vê com dor
a uns parecer peixe roncador
e ao seu amigo que não perde o tino
510 lhe pareceu cavalo ser marino;
aos que o viam no estreito embaraçado
afiguroou-se ser peixe linguado;
enfim o confessor, que não sabia
o que dissesse, entre ânsias lhe dizia:

515 “– Oh, quem pegara em ti quando caíste,
alma minha gentil que te partiste!”¹²¹
Mas os que ali falaram sem paixão
dizem boa lhe fora a ocasião
de se afogar, senão com desaforo
520 a derrota¹²² levava à Ilha do Fogo.
Chegada a noite, o corpo sai ao Cais
que quatro corvos levam e não mais.
A cabeça serviu ao romper d’Alva¹²³
de leão lá na proa da Nau Galga¹²⁴.
525 As Ninfas o choraram desse Douro
por lhe chegar a Parca¹²⁵ tanto ao couro.
Carpi[u]-o com ternura e sem desdém
o Penedo das Lágrimas¹²⁶ também.
Só o Porto não sei que nele achou
530 que tão mal em seus males se portou.

Acabada não era a história quando
entre suores Gil ia enfiando,
de tal sorte, tal modo e tal maneira
que lhe deu uma forte caganeira,
535 e meio iscado, com as mãos nas calças,
julga que as narrações todas são falsas.

Com as mãos no nariz Torcato acode,
para ver se estas quebras soldar¹²⁷ pode,
e cheirando-lhe mal o fim da empresa,
540 para o discurso apela com presteza,
mas rezões não achando a que recorra,
desespera de Gil por dar em borra¹²⁸.
Para o seu gado vai com toda a pressa,
porque a noite a fazer fuscas¹²⁹ começa;
545 e porque era o seu gado
de Bodes e Cabrões, Gil enfadado
lhe disse, soltando inda os escaninhos¹³⁰[:]
[“–] Para ti, Guardiã¹³¹ dos Barbadinhos¹³².[”]

¹ Esta passagem parece indicar que o episódio ocorreu numa quinta-feira, dia que, entre os romanos, era consagrado a Júpiter.

² Alusão ao episódio mitológico de Júpiter e Europa, a bela filha de Aginor e Telepassa. Depois de a ver, o chefe dos deuses ficou apaixonado e decidiu raptá-la, transformando-se para isso num belo touro branco.

³ Apolo – deus da mitologia greco-romana identificado com o Sol.

⁴ quarto Polo – Sol.

⁵ Por razões métricas, é obrigatória a leitura com ectilipse: *co{m} o/ qual/ for/man/do um/ res/plan/dor/ ra/dian/te*.

⁶ Este verso apresenta uma acentuação menos comum: (2)-4-9-10.

⁷ Malmajudas – antiga fonte existente na cidade do Porto, na freguesia de S. Nicolau.

⁸ *Grão Tridente* refere-se a Neptuno, deus romano das águas, identificado com o grego Posídon, que tinha no tridente um dos seus símbolos. O verso tem sentido jocoso: sem tornar Neptuno cornudo.

⁹ Anfítrite – mulher legítima de Posídon (Neptuno), era uma das Nereides.

¹⁰ *Tridentido* tem sentido duplo: referindo-se, pelo contexto, a Neptuno, não deixa de aludir também ao Concílio da Igreja Católica realizado em Trento no século XVI, do qual sairia a reação à Reforma Protestante.

¹¹ Morais regista a expressão *estar trigo* com o sentido de *estar com ânimo*. Levando em conta que *mar de leite* significa *mar calmo*, talvez possamos admitir que o verso significa *nem muito calmo, nem muito nervoso*.

¹² Guindais – escarpa sobre o rio Douro, pertencente à freguesia da Sé, com um grande aglomerado de casas.

¹³ O sentido dos vv. 41-44 não é claro.

¹⁴ Fontainhas – escarpa da cidade do Porto sobre o rio Douro e zona habitacional de larga tradição.

¹⁵ Referência ao Convento de Santo Agostinho da Serra, fundado em 1536. Localizado em Vila Nova de Gaia, é comumente designado por Mosteiro da Serra do Pilar.

¹⁶ Alusão ao Mosteiro de Santa Clara, fundado em 1416, na freguesia da Sé.

¹⁷ Referência a Cupido, deus romano equivalente ao grego Eros. Filho de Vénus e de Marte, era geralmente representado como um menino alado que carregava um arco e um carvão com setas, que disparava sobre o coração de homens e deuses.

¹⁸ Por razões de métrica, *poderá* deve ser lido com síncope: *pod'ra*.

¹⁹ surrão – bolsa de couro usada pelos pastores. Entenda-se: havendo hipótese de unir a força ou a ameaça física (representada pelo báculo) ao interesse por bens materiais (representado pelo surrão).

²⁰ bago – dinheiro.

²¹ sangue-de-drago – resina avermelhada, escura, que exsuda do caule da árvore-do-dragão, usada na produção de vernizes e com propriedades anti-hemorragicas, antidiarreicas e antiblenorrágicas.

²² Custódio esquerdo – o Diabo.

²³ São as palavras com que o demónio tenta pela terceira vez Jesus no deserto: “Si Filius Dei es, mitte te deorsum” (Mt 4: 6), isto é, “Se és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo”.

²⁴ Note-se a rima *mentecapto / Torcato*.

²⁵ fonte do Carvalhinho – ficava na margem direita do Douro, abaixo das Fontainhas.

²⁶ Mesmo que admitamos a leitura de *querias* com síncope, o verso é hipermétrico.

²⁷ raso – no sentido de cortado pela base, rapado, isto é, figuradamente, morto.

²⁸ rasoura – ato de fazer a barba ou rapar o cabelo, a que eram sujeitos os condenados à força.

²⁹ Becas – em sentido metonímico, desembargadores.

³⁰ Por razões métricas, *sua* deve ser lido como monossílabo.

³¹ Garnachas – em sentido próprio, becas de desembargador; por metonímia, desembargadores.

³² Zoilo – crítico, detrator.

³³ gibão – subentenda-se: *gibão de açoites*, registado por Bluteau com o sentido de “açoutes que se dão nas costas”.

³⁴ Jacques do mar – talvez se trate de uma alusão ao pirata francês huguenote que, em 1540, apresou uma nau da frota do governador-geral do Brasil, matando 40 missionários jesuítas, beatificados em 1854 sob o título de os Quarenta Mártires do Brasil.

³⁵ Caco – filho de Vulcano, vivia numa gruta do Aventino. Tinha três cabeças, cuspidando fogo pelas três bocas. Viria a ser morto por Hércules, pelo facto de lhe ter roubado alguns animais da manada que o herói furtara a Gérion.

³⁶ pejar-se – ter pejo, vergonha.

³⁷ Por motivos métricos, *ainda* deve ser lido com aférese: *'inda*.

³⁸ forca da Ribeira – há notícia da transferência da forca de Mijavelhas para o Cais da Ribeira em 1714. Contudo, de acordo com A. de Magalhães Basto (1968: 168), existia aqui uma forca antes dessa data, conhecida como forca da Relação.

³⁹ Mijavelhas – havia neste local, correspondente ao atual Campo 24 de Agosto, uma forca que, segundo Magalhães Basto (1963: 188), pertencia ao concelho e era reservada para a execução de ladrões.

⁴⁰ cossário – variante arcaica de *corsário*.

⁴¹ vislume – variante antiga de *vislumbre*.

⁴² Alusão irónica a uma passagem de *Os Lusíadas*, de Camões: “um Pacheco fortíssimo e os temidos/ Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,/ Albuquerque terrível, Castro forte,” (I, 14, vv. 5-7). *Pacheco* refere-se a Duarte Pacheco

Pereira, navegador, militar e cosmógrafo; *Albuquerque* a Afonso de Albuquerque, governador da Índia; e *Castro* a D. João de Castro, vice-rei da Índia.

⁴³ nau Galga – a expressão, que também ocorre no v. 524, tanto pode fazer referência a uma embarcação real como pode ser lida em sentido conotativo. No primeiro caso, é conhecida, na história da América portuguesa, uma nau com esse nome em que o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, fez vir de Cabo Verde algumas partidas de gado. Nesse sentido, *nau Galga* talvez possa ser entendida como “nau dos animais”. Na hipótese de a expressão não apontar para um referente histórico, devemos ter em conta que *galga* também significa, ainda hoje, “mentira”, “peta”.

⁴⁴ Referência à Batalha de Lepanto, travada a 7 de outubro de 1571 no Golfo de Lepanto, na Grécia, em que a esquadra da Liga Santa, uma aliança cristã, derrotou os turcos otomanos, pondo fim à sua expansão no Mediterrâneo ocidental.

⁴⁵ pecante – provavelmente na aceção familiar registada por Morais: “diz-se do que tem certa fraqueza, ou balda (defeito, hábito vicioso)”.

⁴⁶ pecador Profeta – Jonas, protagonista do livro do Antigo Testamento que leva o seu nome. Enviado pelo Deus de Israel a Nínive para dizer aos assírios que, devido à sua crueldade, iriam sofrer a ira divina caso não se arrependessem dentro de quarenta dias, temeu pela sua vida e fugiu em direção a Társis, na Península Ibérica. Ocorre, contudo, uma violenta tempestade durante a viagem, que só termina quando Jonas é lançado ao mar. Engolido por um “grande peixe”, passa três dias no seu estômago. Arrependido, é devolvido à praia, seguindo para Nínive a cumprir a sua missão.

⁴⁷ esbasbacado – variante arcaica de *embasbacado*.

⁴⁸ queimado – zona tórrida ou zona tropical.

⁴⁹ rapazia – o mesmo que rapazio ou rapaziada, garotada, bando de rapazes.

⁵⁰ *boca de Sacavém* é a boca do rio Tejo, por onde este desagua no mar. Em sentido figurado, a expressão significa, portanto, uma boca enorme.

⁵¹ Entenda-se: ratinho cujo tamanho não enche a barriga de um gato. *ratinho* pode ter aqui significado duplo: além do sentido próprio, pode referir-se também ao beirão que vai procurar trabalho nos campos do Alentejo e de parte da Estremadura, sobretudo na época da colheita de trigo. Esta figura foi usada como tipo cómico nos autos de Gil Vicente e de outros dramaturgos quinhentistas.

⁵² Absalão era o terceiro filho do rei David, tendo tentado usurpar o trono do pai. Derrotado por Joab, comandante do exército de David, fugiu, ficando aci-

dentalmente a sua cabeça presa num carvalho. Acabaria por ser morto, apesar das ordens em contrário de David, que chorou o seu desaparecimento.

⁵³ *ainda* deve ser lido com aférese: *'inda*.

⁵⁴ Judas – Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos, que vendeu Jesus a seus inimigos, acabando depois, arrependido, por enforcar-se numa árvore que, segundo a tradição, seria uma figueira.

⁵⁵ Mardoqueu e Amã – Mardoqueu era o tutor de Ester, que acompanha na corte quando esta se torna rainha, dando sempre provas de lealdade e denunciando conspirações. Graças a ele, os planos de Amã para destruir os judeus do império da Pérsia abortaram. Amã viria a ser executado na forca que tinha mandado erigir para Mardoqueu.

⁵⁶ Cusai (ou Huchai) – amigo e conselheiro de David. Depois da revolta de Absalão, ficou em Jerusalém, como David lhe pedira, e conseguiu, pela sua astúcia, que os conselhos perigosos de Aquitofel não fossem atendidos.

⁵⁷ Aquitofel (ou Aitofel) – conselheiro de David, viria a trai-lo para vingar a sua família, aderindo às hostes de Absalão. Vendo, contudo, que o seu conselho para travar batalha imediata contra David não foi seguido, retirou-se para a sua terra e enforcou-se.

⁵⁸ A métrica impõe que *ainda* seja lido com aférese: *'inda*.

⁵⁹ De acordo com os Evangelhos, quando Judas Iscariotes veio com os soldados para prender Cristo, Pedro sacou a espada e cortou a orelha do soldado Malco.

⁶⁰ Não é claro o sentido deste verso. Como se sabe, Afrodite (ou Vénus) nasceu da espuma do mar; nesse sentido, *neto da espuma* deverá designar – ironicamente – um dos filhos de Afrodite, certamente Eros (ou Cupido).

⁶¹ Provável alusão ao Convento de São Bento da Vitória, cuja construção começou em finais do século XVI, mas só ficou definitivamente concluída em 1707.

⁶² Referência ao Recolhimento da Rainha Santa Isabel do Anjo (ou simplesmente Recolhimento do Anjo), que foi fundado em 1672 pela viúva D. Helena Pereira, com o apoio dos poderes episcopal, municipal e régio. A instituição destinava-se ao acolhimento de mulheres desamparadas (órfãs, jovens donzelas, senhoras casadas e viúvas). Uma vez demolido, surgiria em seu lugar, em 1837, o Mercado do Anjo (na hoje designada Praça de Lisboa).

⁶³ Deve tratar-se da Igreja de Nossa Senhora da Graça, fundada em 1651 e demolida no final do século XIX para a construção da Escola Politécnica. Nesse edifício funciona hoje a Reitoria da Universidade do Porto.

⁶⁴ O Tribunal da Relação estava, desde 1608, instalado num edifício situado no morro da Vitória, junto à Porta do Olival. Ficavam nas imediações os dois espaços mencionados: Carmelitas (Convento dos Carmelitas Descalços, fundado em 1619, e igreja, concluída pouco depois; o primeiro dos edifícios serve hoje de quartel à G.N.R.) e Calvário (a zona correspondente às atuais ruas das Carmelitas e de Santa Teresa era conhecida até ao século XVIII como Calvário Velho, tendo sido aí fundado, em 1704, o Convento de São José e de Santa Teresa, de Carmelitas Descalças).

⁶⁵ Marte é o deus romano da guerra, pelo que os *pós* deverão ser entendidos como substâncias explosivas.

⁶⁶ Creio que *vexar* deve ser entendido no sentido de “oprimir” e que *bastão* e *bago* devem ser encarados, respetivamente, como insígnias do poder militar e eclesiástico (bago, segundo Morais, pode designar o báculo de que usam os bispos).

⁶⁷ Saul – primeiro rei de Israel. Pressionado pela instabilidade do reino e pela crescente popularidade do seu genro David, viria a suicidar-se em Gelboé.

⁶⁸ Pórcia – filha de Catão de Útica, foi casada com Bíbulo e, depois, com Bruto, assassino de César. Depois da derrota e suicídio de Bruto, na Batalha de Filipos (42 a.C.), suicidou-se também, engolindo carvão em brasa.

⁶⁹ Lucrecia – figura lendária de romana bela e virtuosa, ligada à queda da monarquia. Mulher de Lúcio Tarquínio Colatino, inspirou uma paixão a Sexto, filho de Tarquínio Soberbo. Depois de participar o ultraje ao marido, Lucrecia suicidou-se.

⁷⁰ Dido – filha do rei de Tiro e viúva de Siqueu, assassinado por Pigmaleão, irmão de Dido, refugiou-se no Norte de África, onde fundou Cartago. O rei local, Iarbas, que lhe concedera terras para a fundação da cidade, quis forçá-la a casar consigo, mas Dido, para ser fiel à memória do marido, suicidou-se numa pira funerária. Na *Eneida* de Virgílio, Dido apaixonou-se por Eneias, que a abandona para cumprir o seu destino de fundar Roma, acabando a rainha por suicidar-se.

⁷¹ Sansão – de acordo com a sua descrição bíblica, era um nazireu que liderou os israelitas contra os filisteus, distinguindo-se pela sua força sobre-humana. Apaixonou-se por Dalila, uma mulher filisteia, que o traiu depois de saber que os cabelos eram a fonte da sua força. Após ser cegado pelos filisteus, Sansão passou à condição de escravo, vindo a suicidar-se para se vingar de seus inimigos, depois de ter clamado a Deus pela restituição de sua força para um último e definitivo ato.

⁷² triunfo – cerimônia honorífica da antiga Roma, concedida aos generais que obtinham vitórias importantes.

⁷³ Júlio César – Caio Júlio César (*100 a.C. †44 a.C.), general e estadista romano que se destacou também como orador, historiador e memorialista. Dos seus feitos militares destaca-se a conquista da Gália, que permitiu estender o domínio romano até ao Atlântico. No fim da vida, lutou contra a facção conservadora do senado romano, liderada por Pompeu. Depois da vitória, tornou-se ditador vitalício, iniciando uma série de reformas administrativas e econômicas em Roma. O seu assassinato por um grupo de senadores abriu caminho a uma instabilidade política que viria a culminar no fim da República e início do Império Romano.

⁷⁴ Pompeu – Gneu Pompeu, o Grande (*106 a.C. †48 a.C.) foi um general e político romano. Obteve importantes vitórias em África e na Hispânia, derrotou o resto do exército de Espártaco, enfrentou a pirataria no Tirreno, derrotou o rei do Ponto, Mitridates, sujeitou a Arménia e a Judeia, voltando a Itália com a fama de um novo Alexandre. Integrou o primeiro triunvirato, com César e Crasso. Depois da morte do último, seria derrotado por César, vindo a ser morto no Egito.

⁷⁵ Paulo Emílio – Lúcio Emílio Paulo Macedónico (*c. 230 †160 a.C.) foi um famoso general e político romano. Derrotou o último rei da Macedónia, Perseu, desenvolvendo depois uma política de aproximação cultural com os vencidos, procurando unir a tradição romana à influência grega.

⁷⁶ Dentato – Mânio Cúrio Dentato (*? †270 a.C.) foi um tribuno da plebe, cônsul e censor dos primeiros tempos da República Romana, tendo-se destacado por acabar com as Guerras Samnitas e expulsar o rei Pirro do Épiro. Ficaria conhecido como homem de caráter.

⁷⁷ Excelência – forma de tratamento para titulares e personalidades de condição superior, cujo uso foi variando ao longo do tempo.

⁷⁸ Senhoria – forma de tratamento tradicionalmente usada com os condes.

⁷⁹ de ponto em branco – segundo Morais, o mesmo que *de ponta em branco*, isto é, “de sorte que a lança, ou a espada tope sempre em arma, que cubra o corpo”.

⁸⁰ adamado – à maneira das damas.

⁸¹ As mãos do condenado iam amarradas e levavam um crucifixo.

⁸² *mingua* deve ser lido com o acento tónico na primeira sílaba.

⁸³ Os condenados à força levavam o cabelo e a barba rapada.

⁸⁴ peruca – variante arcaica de *peruca*.

⁸⁵ Os réus que iam ser enforcados usavam uma túnica branca.

⁸⁶ afogador – ornamento para o pescoço (de pérolas, pedras, etc.); colar, gargantilha. No contexto, tem sentido irónico, designando o baraço.

⁸⁷ O carrasco seguia atrás do condenado levando a corda para o enforcamento e um cutelo. Este último servia para cortar a corda depois de cumprida a execução.

⁸⁸ Heráclio – Flávio Heráclio Augusto (*c. 575 †641), que se tornou imperador do Oriente em 610, na sequência de uma rebelião contra o Imperador Focas, que executou pessoalmente depois de tomar Constantinopla.

⁸⁹ O cortejo era acompanhado por grupos de rapazes.

⁹⁰ chançoneta – o mesmo que *chança*, dito zombeteiro ou mordaz.

⁹¹ Esta expressão latina – que significa “O Senado e o Povo Romano” – constituía a designação oficial do Império Romano e era inscrita nos estandartes das legiões.

⁹² Note-se a rima *insinua / ruat*.

⁹³ Tradução livre: “Que o perverso seja enforcado até à morte num carvalho”.

⁹⁴ A águia era um símbolo da República e do Império romanos, sendo usada como insígnia das legiões. Mais tarde, passou a ser utilizada a Águia de Duas Cabeças, uma voltada para este e outra para oeste, como símbolo da unidade do Império.

⁹⁵ O cortejo devia parar em certos lugares para que o pregoeiro lesse a sentença.

⁹⁶ Na Roma antiga, seguia ao lado do triunfador um sacerdote que lhe sussurrava: “Memento mori” (isto é, “Lembra-te de que és mortal”).

⁹⁷ Ferraria – mais tarde chamada rua da Ferraria de Cima (para se distinguir de uma outra, localizada à beira-rio, na rua hoje chamada de “O Comércio do Porto”), corresponde à atual rua dos Caldeireiros.

⁹⁸ Pelames – pertencente à freguesia da Sé, começa na rua do Souto e termina na rua do Corpo da Guarda. Como o sugere o nome, havia nesta rua uma importante indústria de curtimento de peles.

⁹⁹ A rua do Souto fica na freguesia da Sé, começando na rua da Bainharia.

¹⁰⁰ pôr em Aveiro sem sapatos – pôr em maus lençóis.

¹⁰¹ chegar com sola ao cordovão – embora não tenha encontrado a expressão dicionarizada, suponho que equivale a “chegar a roupa ao pelo” ou “bater” (sola é o couro de boi curtido e, por metonímia, pode designar chicote; cordovão é o couro de cabra curtido e, por metonímia e metáfora, pode apontar para corpo).

¹⁰² tranqueira – cerca de madeira feita de estacas, destinada a fortificar algum ponto.

¹⁰³ Rua Escura – situada também na freguesia da Sé, tem início na rua da Bainharia, correndo junto à parede norte da muralha primitiva.

¹⁰⁴ Bainharia – é uma das ruas mais antigas do Porto, pertencendo também à freguesia da Sé. A designação parece justamente ter a ver com a grande concentração de *bainheiros*, artesãos que se dedicavam ao fabrico de bainhas para armas brancas.

¹⁰⁵ Pedro – certamente Pedro I, o Cruel (*1334 †1369), rei de Castela desde 1350 até ao seu assassinato em Montiel pelo seu irmão bastardo e sucessor, Henrique de Trastâmara. Apesar de uma série de aspetos positivos da sua governação, ficaria conhecido pelo rigor e crueldade que aplicou aos seus inimigos.

¹⁰⁶ Nero – imperador romano (*37 †68) que governou desde 54 até à morte. O seu governo é habitualmente associado à tirania e à extravagância: ordenou uma série de execuções, incluindo a da própria mãe, Agripina, do seu meio-irmão Britânico e de Séneca, seu mestre, acreditando-se que, enquanto Roma ardia, ele se deleitaria contemplando o espetáculo e tocando lira. Além disso, foi um implacável perseguidor dos cristãos. A sua morte resultou de suicídio, depois de um golpe de estado de vários governadores.

¹⁰⁷ Como informa Maria Adelaide Meireles (1981: 11), “Não há notícia de ter existido, no Porto, uma rua dos Livreiros”, embora, no século XVIII, as suas lojas se situassem numa zona bem delimitada: “a rua dos Mercadores, a rua das Flores e o Largo de S. Domingos”.

¹⁰⁸ Referência à *Doutrina christã, ordenada à maneira de dialogo para ensinar os meninos*, escrita pelo jesuíta Marcos Jorge e publicada em 1566, depois ampliada pelo também jesuíta Inácio Martins (*1531 †1598) e popularizada com a designação de *Cartilha do Mestre Inácio*.

¹⁰⁹ *branca* tem sentido duplo: na primeira ocorrência, é nome, designando uma moeda de prata de pouco valor; no segundo caso, é adjetivo.

¹¹⁰ *almilha* – antiga peça de vestuário que se usava entre a camisa e o gibão.

¹¹¹ A rua dos Mercadores, que também continua a existir, pertence à freguesia de S. Nicolau. Era um dos principais eixos de circulação vital do Porto antigo, percorrendo a zona exterior à muralha primitiva, desde as imediações da Porta de Sant’Ana até à Praça da Ribeira.

¹¹² Egitanas – ciganas.

¹¹³ *bien-dicha* – provável variante de *buena-dicha*, sina, fortuna.

¹¹⁴ reconvir – recriminar.

¹¹⁵ Provável referência à antiga capela de Nossa Senhora da Piedade ou do Cais, construída por cima da Porta da Ribeira. Em sua substituição, seria edificada, em meados do século XVII, a Capela de Nossa Senhora do Ó, ainda existente.

¹¹⁶ Havia nesta zona uma praia fluvial, antes da reformulação da Praça da Ribeira conduzida no final do século XVIII por João de Almada e Melo.

¹¹⁷ Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 4-10.

¹¹⁸ colos de canga – carregadores, trabalhadores braçais.

¹¹⁹ cus de breu – provavelmente escravos.

¹²⁰ açarmarcar – variante de *açambarcar*.

¹²¹ Trata-se do *incipit* de um famoso soneto de Camões.

¹²² derrota – caminho de uma embarcação, rota.

¹²³ Note-se a rima *Alva / Galga*.

¹²⁴ Cf. nota 43. *leão* (ou *figura*) *de proa* era uma figura decorativa em madeira, muitas vezes com formas animais, usada na proa dos navios entre os séculos XVI e XIX.

¹²⁵ Parca – identificadas com as Moiras gregas, as Parcas eram, em Roma, as deusas do destino, sendo representadas como três irmãs fiandeiras. A passagem refere-se a Átropos, a quem competia cortar o fio da vida.

¹²⁶ Penedo das Lágrimas – segundo Ricardo Jorge (1999: 413), era uma penha da margem do Douro, próxima do Porto, cuja memória se terá perdido entretanto.

¹²⁷ soldar quebras – segundo Morais, refazer a amizade, sanar desavenças.

¹²⁸ borra – de acordo com Morais, “as fezes, e alimpaduras”.

¹²⁹ fuscas – variante de *foscas*; o mesmo que *fosquinhas*.

¹³⁰ soltar os escaninhos – no contexto, suponho que significa soltar ventosidades.

¹³¹ Guardião – segundo Bluteau, título que se dá aos superiores de alguns conventos de S. Francisco.

¹³² Barbadinho – religioso pertencente a uma das ordens franciscanas reformadas.

A SÁTIRA DEPOIS DA MORTE:

um testamento em verso do Governador Luís Baía Monteiro,

o *Onça*

Luís Baía¹ Monteiro, Governador do Rio de Janeiro entre 1725 e 1732, ficou para a história como um homem empenhado e honesto, que combateu com determinação os desmandos da capitania, enfrentando os vários poderes locais, ao mesmo tempo que lançava um importante conjunto de obras públicas que incluíram o reforço das fortificações da cidade. Trabalhos mais recentes, como o de Conceição dos Anjos Fernandes Igrejas (2003), têm dado uma ideia mais nítida do seu consulado, procurando compreendê-lo no quadro mais vasto da administração colonial e do processo de centralização conduzido por D. João V.

Pertencendo ao Conselho do Rei, Baía Monteiro era cavaleiro da Ordem de Cristo e militar experimentado, tendo participado na Guerra de Sucessão de Espanha. Apesar dessas qualificações, o seu governo ficaria marcado pelos constantes conflitos com os restantes poderes da capitania, designadamente os vereadores da Câmara, as autoridades militares e judiciais e várias instâncias eclesiásticas. Criticado e desautorizado várias vezes pelo Conselho Ultramarino e pelo próprio rei, acabaria por ser afastado em outubro de 1732, depois de acometido por um repentino surto de demência. De acordo com Conceição Igrejas, “Até a sua morte,

¹ Este apelido é por vezes grafado sob a forma de *Vaía* ou *Vahia*.

em 19 de setembro de 1733, foi mantido isolado no Paço dos Governadores. Nesse período, alienado e privado da razão, seus gritos, que ultrapassavam as paredes do palácio, lhe renderam a alcunha de *Onça*, estigmatizando sua administração” (2003: 168). Acrescenta a investigadora que a morte do Governador, pode ter tido “ligações com a impopularidade e animosidade conseguidas entre os homens de mando e cabe-dais” (2003: 187), resultantes da forma autoritária como tentou salvar guardar os interesses da fazenda real, combatendo o contrabando de ouro e a falsificação de moeda.

Uma personalidade com estas características parece prestar-se pouco às formas mais habituais da sátira, cujo exercício seria aliás desaconselhável, dado o temperamento autoritário que lhe é atribuído. Apesar disso, encontrei um “Testamento do defunto Luís Baía Monteiro, governando o Rio de Janeiro” numa miscelânea manuscrita da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: trata-se do Ms. 404, ocupando o texto – que, como seria de esperar, não apresenta indicação de autoria – os ff. 53 a 59v.

Provavelmente escrito depois da morte do Governador, este *testamento* retoma a tradição dos testamentos humorísticos ou satíricos, que teve cultores ilustres como François Villon e que, ainda hoje, sob a forma de testamentos de Judas, da Velha ou de diversos animais, permanece viva em festas e celebrações populares.

O “Testamento do defunto Luís Baía Monteiro” está composto em verso de redondilha maior e sob a forma de romance, com rima toante nos versos pares, que se mantém ao longo de todo o poema, embora com algumas falhas. No final das 54 quadras, e como é habitual no género, vem um *Epitáfio*, neste caso sob a forma de nona, com rima ABBACCDDC, em *consoantes forçados*.

A sátira decorre da nomeação dos bens do defunto e da sua atribuição a pessoas da comunidade. O alvo principal é, contudo, o próprio

Governador, sendo usados no seu retrato tópicos habituais da sátira, como a religião, o estatuto social, a honestidade ou o comportamento sexual. O autor anónimo explora com frequência o sentido duplo das palavras, fazendo por vezes referência a aspetos concretos da atuação de Baía Monteiro. É o caso dos vv. 37-40, que parecem referir-se aos choques com o Conselho Ultramarino: “Ao ferreiro meu amigo/ lhe deixo todos os pregos/ que com tantas marteladas/ me vieram do conselho.” A verdadeira causa da sátira só vem a ser indicada no epitáfio: Baía Monteiro foi louco por querer “dar à nobreza mate”, devendo o seu caso servir de exemplo “para que ninguém lute/ com fadiga que o derreta”.

Terminada esta rápida apresentação, edito de seguida o testamento, de acordo com as normas que tenho vindo a seguir para a publicação de textos deste período². Esclareço, contudo, que a pontuação é da minha responsabilidade, dado que o original – à exceção de uma ou outra estrofe que termina com ponto final – não estava pontuado.

Bibliografia

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Ms. 404

Cavalcanti, Nireu (2004). A Cidade do Rio de Janeiro no tempo de *Júbilos da América*. *Revista Brasileira*. 12.

Fernandes, Igrejas Conceição dos Anjos (2003). Centralização joanina e realidade colonial: a ação de Luís Vaía Monteiro no Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 421 (out./ dez.).

Topa, Francisco (2001). *Poesia Dispersa e Inédita do Setecentista Brasileiro Francisco José de Sales*. Porto: Edição do Autor.

² Ver, por exemplo, Topa, 2001: 43-51.

Testamento do defunto Luís Baía Monteiro, governando o Rio de Janeiro

Em nome do Deus Plutão,
adorado lá no Inferno,
descendente de Saturno,
triste, fúnebre e horrendo.

5 Saibam quantos me conhecem
por velhaco mais perverso
que se fez por minha causa
este público instrumento.

10 Estando doente em cama,
sem ter juízo perfeito,
com lúcidos intervalos
ordeno o meu testamento.

15 Primeiramente ao Grão-turco
só a minha alma encomendo,
porque na lei de Mafoma
agora salvar-me quero.

Peço a Felipe Soares
seja o meu testamenteiro,

pois só ele aos meus legados
20 poderá dar cumprimento.

Meu cunhado Frei Luís
na Igreja do seu Convento
me há-de dar a sepultura,
de graça e não por dinheiro.

25 Da pedreneira mais dura
seja a campa, e o carneiro¹
mande-o vir de Berberia
se o não achar do Alentejo.

30 Ao Padre Manuel João,
do hábito de São Pedro,
deixo o pau torto da rede
que lhe cabe por direito.

Item ao Padre João Gomes
todas as putas lhe deixo
35 que por mas levar a casa
as terá de porta a dentro.

Ao ferreiro meu amigo
lhe deixo todos os pregos

40 que com tantas marteladas
me vieram do conselho².

Item a Dona Maria
mando lhe dem um varejo,
já que foi tão sacudida
no tempo do meu governo.

45 Ao meu entiado Feliz,
para que estude mais tempo,
peço lhe dem muito açoute
por ser um rapaz travesso.

50 E ordeno que algumas vezes
vá vesitar o Castelo
donde o fiz Capitão Crica³
por ver da Mãe os pentelhos.

55 Ao Plácido que me escreve
lhe ficam os meus enredos,
e por me fazer as cartas
mando lhe dem os meus feitos⁴.

Item ao Doutor Quintino,
por ser um grande talento,

ordeno, pois me serviu,
60 lhe dem um corno por prémio.

Deixo as conclusões que fiz
ao Reverendo perfeito,
para provar dos bocados
que há dentro do Parrameiro⁵.

65 Haverá também os ovos
das mulheres, porque é certo
terem ouveiro⁶ na madre
para os Padres do Colégio.

Ao Pires, meu alfaiate,
70 lhe ficam por sortimento
da sua loge os retalhos
que eu tive de Cavalheiro.

Em Lisboa mando dar
cem mil réis aos albardeiros,
75 pela albarda que quis pôr
nas costas de Dom Lourenço.

Deixo a minha cadeirinha
que se venda e dos efeitos

ordeno que se reforme
80 de todo o lagar do sebo.

Casaca, véstia⁷ e calções
darão ao pobre estafermo
que o chafariz do Rossio
tem posto ao rigor do tempo.

85 Deixo as meas ao Chiado;
sapatos não, porque vejo
que me tem as muitas queixas
posto no calçado velho⁸.

Item deixo à rua Suja⁹
90 a ropa branca somente¹⁰,
e em vínculo de morgado
uns escarpins nojentos.¹¹

Do Campo do Curral¹² tirem
as armas donde descendo,
95 que escornado por patife
outro mais brasão não quero.

Que me vistam por mortalha,
nem mais hábito encomendo,

um lençol, pois sou indigno
100 do hábito que porfesso¹³.

O meu reverendo Cura
acompanhe meu enterro
a cavalo, já que tive
uma morte de jumento.

105 Vá também a Clerezia,
cada qual em seu sendeiro,
visto eu atirar pinotes,
dando couces estupendos.

Nas mãos levarão por cera
110 todos seus morrões acesos,
que por ter de Morrão fumos
morro em chamas mais soberbo.

Vá diante a Cruz de pau
na mão do meu Cozinheiro,
115 colocado em um Calvário
dos muntos que tenho feito.

Carpideiras que me chorem
somente neste hemisfério

120 seja o Catete¹⁴ afamado
e a bica dos marinheiros¹⁵.

Se acaso me trasladarem
os meus ossos para o Reino,
vão em merda embalsemados
porque fui mui fodorento.

125 A Frei Baltasar do Carmo
peço as missas e os mementos¹⁶
pela alma do pobrezinho
que enforquei metido em ferros.

130 Declaro que sou de Chaves,
filho de Adaís¹⁷ mais velho,
que de um médico foi filho
e neto de um peneireiro.

135 Casei com dona Rascoa¹⁸
e dela alguns filhos tenho,
que das minhas embrulhadas
são legítimos herdeiros.

Declaro que todo o monte
que se achar do meu granjeio

são furtos que fiz tirando
140 dos pobres sempre o remédio.

Tenho também dois moleques
de rebecas e alguns negros
de Marinhas que os cabaços¹⁹
que tirei por putanheiro.²⁰

145 Item ordeno a meu tio
se satisfaça a João de Leirós²¹
os empenhos que por mim
lá na Corte tiver feito.

Deixo aos negros do Rosário²²,
150 para ornato do seu templo,
todas as contas que dei,
em que menti por extremo.

Peço e rogo a Luís Vaía
que neste Rio de Janeiro²³
155 por ladrão sempre se porte,
pois nos furtos não tem preço.

Com suor quotidiano
que aplico pelo tormento

do cano real²⁴, que está
160 num purgatório gemendo,

às portas da Mouraria
deixo um dote com pretexto
que uma delas, a mais velha,
entre logo em um mosteiro.

165 Outra case com o postigo
de Santo André, sem receio
que as de Santa Caterina
se oponham ao casamento.

Item à casa dos Orates²⁵
170 deixo um legado perpétuo,
para que os loucos de Chaves
se curem sem mais dispêndio.

À rua dos Algebebes²⁶
deixo os três tragos que levo,
175 que por mais que os beba aguados
ainda assim os acho azedos.

Deixo as minhas esperanças
às ginelas verdes, vendo

que das verdes a que me tinha
180 me pôs a desgraça ao seco.

Tudo o mais que se me achar
se reparta pelos becos;
só à Calçada da Glória
nada darão, pois me perco.
185 Bela alma de Barrabás
a minha terça²⁷ nomeio,
e o remanecente seja
para Calvino e Lutero.

Por cumprir a causas pias
190 meus legados com excessos,
torno a pedir que me aceitem
este testamento em verso.

E por fim peço às justiças
desse calaboiço eterno
195 dem cumprimento ao que digo,
que depois nulla est Redemptio.

Se não faça-lho cumprir
o Queirós que os indireita,
pois só com eles tem jeito
200 nos olhos e no grunhir²⁸.

E porque minha memória
dure o tempo que desejo,
este epitáfio na campa
leiam todos mui atentos:

Epitáfio

205 Aqui jaz o Grão Quixote
que morreu por ser orate;
quis dar à nobreza mate
este louco, este guilhote²⁹;
a si mesmo a morte impute
210 e para que ninguém lute
com fadiga que o derreta,
cada um veja em que se meta
e este desengano escute.

¹ carneiro – sepultura. No contexto, refere-se à pedra tumular.

² conselho – provável alusão ao Conselho Ultramarino, que por várias vezes contrariou e criticou Luís Baía Monteiro.

³ Crica – o órgão sexual feminino.

⁴ feitos – autos ou processos judiciais. No contexto, joga-se com o sentido duplo da palavra.

⁵ Parrameiro – o órgão sexual feminino.

⁶ ouveiro – variante de *oveiro*, ovário de galinha.

⁷ véstia – colete, jaleco.

⁸ calçado velho – *pôr* (ou *estar*) no *calçado velho* significa estar velho, acabado.

⁹ rua Suja – houve em Lisboa várias ruas com esse nome, caracterizando-se pela prática da prostituição.

¹⁰ Note-se a quebra do modelo de rima.

¹¹ Este verso tem 6 sílabas.

¹² Campo do Curral – é possível que se referia, aproveitando as potencialidades satíricas do topónimo, a um espaço de Lisboa que depois veio a ser designado como Campo de Santana e Campo dos Mártires da Pátria.

¹³ Luís Baía Monteiro era cavaleiro da Ordem de Cristo.

¹⁴ Catete – rio da cidade do Rio de Janeiro que desembocava na Praia do Russel.

¹⁵ bica dos marinheiros – é provável que se trate da antiga Aguada dos Marinheiros, que ficava no atual Parque do Flamengo, no sítio onde desembocava o rio Carioca e onde se abasteciam de água doce os marinheiros dos navios que ancoravam naquela que é hoje a Praia do Flamengo.

¹⁶ No original, a forma é *momentos*. Corrigi a gralha.

¹⁷ Adaís – plural de *adail*, cabo-de-guerra.

¹⁸ Rascoa – como substantivo comum, designa a criada elevada a aia, podendo significar também prostituta.

¹⁹ cabaço – hímen.

²⁰ Parece haver falha nos vv. 143-144.

²¹ O verso é hipermétrico, apresentando 10 sílabas.

²² negros do Rosário – a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, fundada em 1669. Tendo começado por funcionar na Igreja de São Sebastião, no morro do Castelo, construiu depois uma nova igreja, na Rua da Vala. De acordo com Nireu Cavalcanti (2004: 206), o Governador foi benfeitor da Irmandade, que por isso conservaria um quadro com a sua imagem na sacristia da igreja.

²³ O verso tem 8 sílabas, a menos que façamos uma sinérese em *Rio*.

²⁴ cano real – o cano por onde eram evacuados os esgotos e águas pluviais da cidade.

²⁵ Este verso também é hipermétrico.

²⁶ Algebebe – variante de *algibebe*, vendedor de roupas de qualidade inferior.

²⁷ terça – a terça parte da herança de que o testador pode dispor livremente.

²⁸ Note-se a quebra no esquema rimático nos vv. 198/200.

²⁹ guilhote – trapaceiro, velhaco.

UM INVENTOR POETA:

a geleia de Alexandre Inácio Silveira

oferecida à Princesa do Brasil

Encontra-se na Biblioteca da Ajuda uma curiosa epístola em verso que parece encerrar um pequeno enigma da história culinária luso-brasileira. O texto, em letra cuidada, provavelmente dos finais do século XVIII, ocupa cinco páginas de um manuscrito avulso com a cota 49-III-53, vindo assinado por um Alexandre Inácio da Silveira, personalidade sobre a qual não pude apurar outros dados senão os que resultam da própria epístola. A falta de datação pode em parte ser compensada pelas indicações sugeridas pelo destinatário da epístola: a Princesa do Brasil.

Como é sabido, este título – que vigorou entre 1645 e 1808 – era atribuído ao herdeiro presuntivo do trono de Portugal, inicialmente apenas ao varão e, a partir de 1734, independentemente do seu sexo. A única mulher que recebeu diretamente este título foi a futura rainha D. Maria I. Filha primogénita de D. José I e de D. Mariana Vitória de Áustria, recebeu à nascença, do avô, D. João V, o título de Princesa da Beira, que deveria usar enquanto o herdeiro do trono, o Príncipe do Brasil, D. José, não alcançasse herdeiro varão. Como o seu irmão só teve filhas, D. Maria intitulou-se apenas Princesa da Beira até à morte de D. João V, ocorrida em 1750. A partir daí, passou a ser Princesa do Brasil e Duquesa de Bragança, transitando o título de Príncipe da Beira para o seu pri-

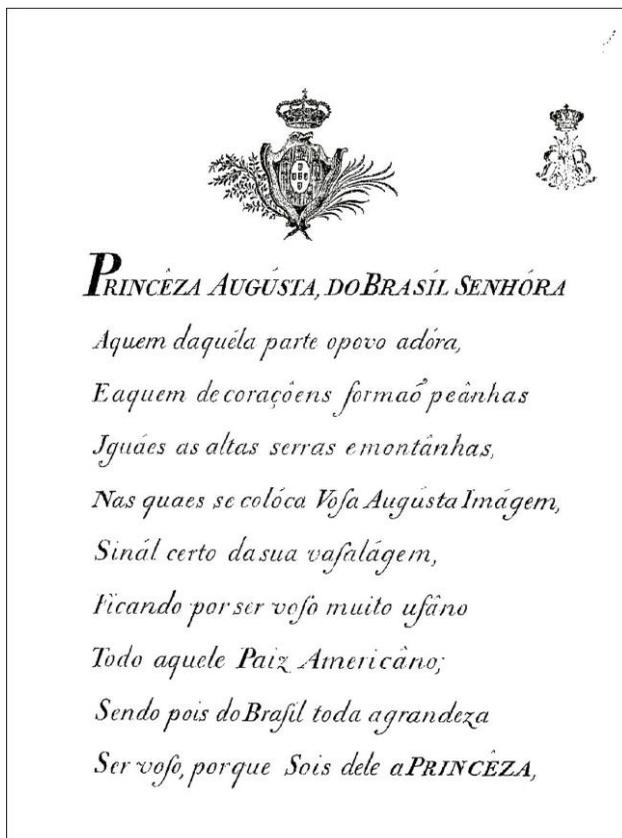
mogénito e presuntivo herdeiro da Coroa, D. José. D. Maria foi, portanto, Princesa do Brasil entre 1750 e 1777, ano da sua subida ao trono.

Embora talvez menos óbvias, há ainda duas outras hipóteses de identificação da destinatária da epístola de Alexandre Inácio da Silveira: a irmã e nora de D. Maria, D. Maria Francisca Benedita, esposa de D. José desde 1777 e, pelo casamento, também Princesa do Brasil, título que terá usado mesmo depois da morte do esposo, ocorrida em 1788; D. Carlota Joaquina, esposa do futuro D. João VI, o qual, depois da morte do irmão D. José, passou a herdeiro do trono, com o título de Príncipe do Brasil, recebido também pela sua consorte. Em ambos os casos, o título de Princesa do Brasil decorre do casamento, o que não invalida a possibilidade de a epístola de Alexandre da Silveira ter sido dirigida a uma destas Princesas. A datação do poema permanece assim pouco precisa, ficando confinada a um período longo que se estende por toda a segunda metade de setecentos até aos primeiros anos do século seguinte. Como veremos, esta não é uma questão secundária: dela poderia resultar uma identificação mais inequívoca da alegada descoberta culinária que constitui o motivo principal do texto.

Composta em verso decassilábico – quase sempre heroico, surgindo o sáfico nos vv. 1 e 40 e o pentâmetro iâmbico no v. 14 – e rima emparelhada, esta epístola não recorre às formas estróficas mais habituais, como o terceto ou a oitava: em vez disso, os seus 64 versos formam uma única estrofe.

Do ponto de vista estrutural, as cinco partes da epístola clássica são facilmente identificáveis. À *salutatio* corresponde o verso inicial, enquanto os vv. 2-10 dizem respeito à *captatio benevolentiae*, momento dominado pela expressão da ufania do povo brasileiro com a sua condição de vassalo da destinatária. O sentimento é partilhado pela própria natureza:

E a quem de corações formam peanhas
Iguais as altas serras e montanhas,
Nas quais se coloca Vossa Augusta Imagem (vv. 3-5).



Fólio inicial do Ms. 49-III-53 da Biblioteca da Ajuda

A *narratio* ocupa os vv. 11-42. O sujeito declara que “(...) vem cheio de gosto e confusão/ Beijar, SENHORA, a Vossa Augusta Mão/ E um tributo oferecer-vos bem divido” (vv. 13-15), mas não identifica de

imediatamente o tributo, que começa por ser definido pela negativa: “Não são montes de ouro refulgente” (v. 19); “Não é algum raríssimo diamante” (v. 21); “Não é de preço, não, a minha oferta” (v. 23). A seguir, encarece as dificuldades que teve de enfrentar: “É o fruto de um trabalho tão penível/ Que a muitos pareceu ser impossível” (vv. 25-6). Só depois se identifica o objecto, qualificado como “(...) uma simples útil descoberta” (v. 24): “(...) a fatura dos caldos ou Geleia” (v. 29), produzida à semelhança dos ingleses, mas sem que tivesse sido usado qualquer modelo. A referência não é suficientemente precisa para se perceber o que está em causa: tratar-se-á talvez de uma estratégia defensiva, na linha do aforismo “O segredo é a alma do negócio”. A enumeração dos espaços e situações em que a descoberta pode ser usada talvez abra, contudo, alguma pista: fala-se nas naus reais, nos hospitais, na paz e na guerra, o que – equivalendo embora a proclamar a universalidade do seu uso – parece sugerir que está em causa a facilidade de preparação e/ou de transporte.

Como é sabido, caldo é um líquido alimentar obtido da cozedura de carne (e também de peixe ou legumes), podendo ser servido quente, frio ou sob a forma de geleia. Naquele que é tido como o primeiro livro português de culinária, a *Arte de Cozinha* de Domingos Rodrigues, publicado em 1680¹, há uma receita de geleia de carne (Rodrigues, 1987: 98-9), forma que será aliás bem mais antiga. É de supor, portanto, que a invenção de Alexandre Inácio da Silveira terá menos que ver com a apresentação do caldo sob essa forma de geleia do que com outros aspectos já referidos ou ainda com um problema da máxima importância como é a conservação. Lembremos que, no final de setecentos, Nicolas Appert dá um passo decisivo nessa matéria: descobre, em 1795, a *apertização* ou conserva, esterilizando substâncias alimentares, fervendo-as e fechando-as depois no vácuo, em frascos de cristal. Mas a inova-

¹ Lisboa, João Galvão.

ção só seria tornada pública em 1804, o que torna improvável que o poema de Silveira se refira a algo de parecido, tanto mais que se fala em imitação dos ingleses (v. 28) e, mais à frente, em “fábricas” (v. 49), o que – mesmo não tempo a palavra, à época, o mesmo sentido que apresenta atualmente – parece apontar para uma produção em série que, no início do século XIX, não seria ainda compatível com o método do francês.

Note-se que, no final de setecentos, há em Portugal outros sinais que revelam a importância do problema da confecção e transporte dos alimentos. Um deles surge na obra de um cozinheiro francês da Casa Real, Lucas Rigaud, que em 1780 apresenta no seu *Cozinheiro Moderno ou Nova Arte de Cozinha*² uma receita para a preparação de um caldo em pastilhas, “(...) ou de conserva, para se transportar, ou por mar, ou por terra a Paizes desertos em jornadas dilatadas; para Comandantes de Exercitos, Governadores de Praças sitiadas, Cidades afflictas de peste; e outros accidentes, que podem sobrevir, e em que por nenhum dinheiro se pôde encontrar nem galinha, nem carne.” (Rigaud, 1826: 204). Trata-se, como é fácil de perceber, do antecessor dos modernos caldos de carne, a que basta juntar água. Esta receita não seria provavelmente nova, dado que, segundo os especialistas, Rigaud segue outros modelos, em particular *Le Cuisiner Moderne*, publicado em 1742 por Vincent La Chapelle.

Na penúltima parte da epístola, a *petitio*, que ocupa os vv. 43-60, o sujeito pede à Princesa do Brasil que aceite a oferta e lhe atribua um nome, acrescentando que essa condição garantirá o sucesso do produto e lembrando que

Esta é aquela graça já pedida
E por Vós noutro tempo concedida (vv. 51-2).

² Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

COZINHEIRO MODERNO,
O U N O V A
ARTE DE COZINHA;
ONDE SE ENSINA PELO METHODO
mais facil, e mais breve o modo de se prepara-
rem varios manjares, tanto de carne, como de
peixe: Mariscos, legumes, ovos, lacticínios:
Varias qualidades de massas para pães, empa-
das, tortas, timbales, pasteis, bolos, e outros
pratos de entre-meio: Varias receitas de caldos
para diferentes sopas: Caldos para doentes, e hum
caldo portativo para viagens longas.

*Com huma observação sobre algumas frutas, o tempo de
se colherem; tanto para se comerem na sobre-
meza, como para docas, e se conservarem
para o Inverno.*

D A D O A' L U Z
P O R
L U C A S R I G A U D,
*Hum dos Chefes da Cozinha de Suas Magestades
Fidelissimas, &c.*
Quinta Edição correcta, e emendada.



L I S B O A:
NA TYPOGRAFIA LACERDINA. ANNO 1826.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

*Vende-se na Loja de Martin Irmãos Mercadores de
Livros defronte do Chafariz do Loroto N. 6.*

Na *conclusio*, que se estende pelos vv. 61-4, o sujeito reitera a sua condição de “vassalo amante” (v. 62), exprimindo através de uma interrogação retórica o seu propósito de continuar a servir a Princesa e o Estado.

Antes de passar à edição do poema, importa ainda dizer que há nele algumas – escassas – informações sobre o autor. Por um lado, ficamos a

saber que se trata de um brasileiro: na assinatura final, identifica-se como “fiel Vassalo Brasileiro”. Mais do que isso, talvez seja possível supor que se trata de um mineiro: não tanto pela referência ao ouro e aos diamantes (vv. 19-21), mas sobretudo pela alusão às “altas serras e montanhas” (v. 4) e à abundância de gado (v. 57). Por outro lado, a aplicação do advérbio *lá* ao Brasil (vv. 57-60) mostra que a epístola é escrita da metrópole.

A edição do texto não coloca problemas, embora haja dois casos (vv. 25 e 61) de hipermetria, requerendo emendas que eu me limito a sugerir em nota. Os critérios de transcrição são idênticos aos que segui para a edição de textos deste período, merecendo apenas referência especial a forma *divido* (v. 15), que manteve, admitindo tratar-se de uma particularidade linguística do autor. Efetuei intervenções mínimas na pontuação, sem repercussões semânticas ou rítmicas.

Bibliografia

Biblioteca da Ajuda, Ms. 49-III-53

Rodrigues, Domingos (1987). *Arte de Cozinha*. Leitura, apresentação, notas e glossário por Maria da Graça Pericão e Maria Isabel Faria. Lisboa: IN-CM.

Rigaud, Lucas (1826). *Cozinheiro Moderno*. Quinta Edição correctá, e emendada. Lisboa: Typografia Lacerdina.

PRINCESA AUGUSTA, DO BRASIL SENHORA

A quem daquela parte o povo adora

E a quem de corações formam peanhas

Iguais as altas serras e montanhas,

5 Nas quais se coloca¹ Vossa Augusta Imagem,
Sinal certo da sua vassalagem,
Ficando por ser vosso muito ufano
Todo aquele País Americano;
Sendo pois do Brasil toda a grandeza
10 Ser vosso, porque sois dele a PRINCESA,
Do humilde brasileiro a voz atende
Que humilde a Vossos Pés aqui se rende
E vem cheio de gosto e confusão
Beijar, SENHORA, a Vossa Augusta Mão
15 E um tributo oferecer-vos² bem divido,
Pois vem desse País enobrecido
Com o nome de Vosso, o que me anima
A conseguir, SENHORA, a vossa estima;
Não são montes de ouro refulgente
20 Que cria esse dourado Continente;
Não é algum raríssimo diamante,
Disso, SENHORA, tens cópia bastante;
Não é de preço, não, a minha oferta,
É uma simples útil descoberta;
25 É o fruto de um trabalho tão penível³
Que a muitos pareceu ser impossível
Que sem modelo algum eu acertasse
E inda mais que aos Ingleses imitasse
30 Da qual tenho, SENHORA, clara ideia

E útil pode ser nas Naus Reais,
Útil também na Terra aos hospitais,
E que é útil na paz, útil na guerra,
Útil no alto Mar, útil na Terra;
35 Útil não só aos míseros doentes,
Mas também para os sãos e para as gentes
Que sobre o alto Mar sempre transitam
E que deste socorro necessitam;
E que enfim pode ser útil a todos,
40 Usando dela por diversos modos;
Este é, PRINCESA AUGUSTA, o dom que posso
Hoje oferecer-vos⁴, como escravo Vosso,
Aceitai-o benigna e dai-lhe um nome,
Que o tempo gastador nunca consome;
45 Chamai-lhe Vossa a esta fraca oferta,
Que assim, SENHORA, posso ter por certa
A grande estimação que ela terá
E quanto proveitosa ainda será;
Assim começam fábricas famosas,
50 Que não são ao princípio mui lucrosas;
Esta é aquela graça já pedida
E por Vós noutro tempo concedida;
Na aceitação consiste o meu empenho,
Este o prémio que busco donde venho;
55 Mandai seja a Geleia fabricada

Com o nome de Vossa e transportada
Lá do Brasil, em gados abundante,
Que não fica, SENHORA, mui distante;
Lá o clima concorre à perfeição,
60 Sendo feita do Inverno na estação;
Eu serei, PRINCESA AUGUSTA, o fabricante⁵;
Que mais pode fazer vassalo amante
Que deseja servir a Vós e ao Estado
A quem tem os seus dias consagrado?

Oferecido a Vossa Real Alteza pelo fiel Vassalo Brasilei-
ro Alexandre Inácio da Silveira

¹ A métrica impõe a leitura do verbo com síncope: *c{o}loca*.

²² Para termos um decassílabo regular, somos obrigados a fazer a leitura *off{e}recer-vos*, com síncope.

³ O verso tem 11 sílabas, o que sugere que o artigo definido está a mais.

⁴ Por razões métricas, o verbo deve ser lido com síncope: *off{e}recer-vos*.

⁵ Este verso é hipermétrico. Uma correção possível seria a supressão do pronome pessoal.

UM DESAFIO EM FORMA DE ENIGMA

PROPOSTO A BASÍLIO DA GAMA

O período barroco é conhecido pela propensão para o jogo, aliás bem refletido nas artes plásticas (em particular na pintura) e na literatura (especialmente na poesia). Neste último domínio, para além dos jogos de conceitos e de palavras – levados mais longe nas correntes do conceitismo e do cultismo –, é frequente a prática do anagrama, do acróstico, do palíndromo, do lipograma, do labirinto e de formas mais elaboradas da chamada poesia visual¹. Uma modalidade poética de jogo que se destaca nesse período é o enigma². Recorrendo a um registo metafórico em geral associado à antítese, ao paradoxo, ao oximoro, os enigmas barrocos constituem um tipo interessante de jogo intelectual. A sua prática manteve-se no século XVIII, recebendo a enérgica condenação de Luís António Verney na sua carta VII do *Verdadeiro método de estudar*:

Dos Enigmas de palavras, entre os Povos do Oriente achamos muito. Era entre eles, uma principal parte da fabedoria; saber propor, e decifrar os Enigmas. Os mesmos Reis se divertiam, em propor uns a outros, estas adivinhações: e às vezes nos convites, este era o ultimo prato. Mas destes omens nam falamos, porque ignoráram, o que era bom gofio. (...) Disto ainda oje se acha muito, entre os ignorantes: e eu tenho visto bastante, em Portugal. Intrei uma vez em caza, de certo cavalheiro Portuguez, que estava lendo um livro de Epigramas Latinos, in 4.º perguntei-lhe, que coiza lia: e respondeu-me, Que lia o melhor Epigramista, e o melhor Enigmatico. Que o autor era um Portuguez moderno, o qual em cada Epigrama ocultára um enigma, com tanto estudo; que toda aquela menhan procurára decifrar um, sem o conseguir.

¹ Cf. Hatherly, 1983.

² Cf. Hatherly, 1988.

Que ja tinha alcanfado, o segredo de outros: e que reconhecia, que neles avia muito ingenho. Ofereceo-lhe para me emprestar o livro, e decifrar algum. Eu agradeçi a atençam: e respondi-lhe, que tinha mais que fazer: e que nam que-ria priválo do gofto, de fe ocupar em coizas tam ingenhozas. E a ifto chama-fe ingenho! e á quem publique tais livros, neste feculo! (Verney, 1746, pp. 221-2)

Apesar desta crítica, o gosto pelo enigma persiste até ao final do século XIX, como se pode ver pelos almanaques e jornais. No século de Verney, um dos mais destacados árcades brasileiros, José Basílio da Gama (1741-1795) terá recebido um destes desafios poéticos. O texto, manuscrito, encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, constituindo o n.º 28 dos Avulsos 3 de uma coleção intitulada Papéis do Brasil. Antes de o discutir e analisar e de propor uma solução para a(s) adivinha(s) que encerra, apresento a sua edição, feita de acordo com o modelo que venho seguindo para textos do período³:

Para o Senhor José Basílio da Gama observar o fruto das suas Lições, martirizando um pouco o seu entendimento

É doce quando o Brasil
Cá nos envia a primeira.
A segunda, se é subtil,
Amarga qual tamargueira⁴.
5 Se o todo fazes bailar,
Terás com que te alegrar.

³ Cf., por exemplo, Topa, 2001: 57-64.

⁴ tamargueira – arbusto ou árvore pequena, da família das ramaricáceas. Nativo da região mediterrânea, a casca encerra tanino e é usado como adstringente.

*

- A Deus indiano agrada
A minha primeira bela.
Minha segunda, outra Deusa
10 Tem suas delícias nela.
O todo, se o quer achar,
No Brasil o vai buscar.
- Entre mim e meu vizinho,
Decide a minha primeira.
15 Pesa no mal a segunda,
Mas no bem sempre é ligeira;
O todo temos nós cá,
E outros mais acolá.
- É furiosa, espumante,
20 Quasi sem termo, a primeira;
A segunda anda a seu modo
Em trastagana arrieira.
É ação formosa o todo,⁵
Quando é regular seu modo.
- 25 Mete a primeira em sapato,
A segunda dá meia droga;⁶

⁵ Há uma nota à margem: *repare*.

O meu todo nem de barro
Dizem se quer ver à porta.⁷
Minha primeira é primeira
30 Em sua longa carreira[.]
A obra aqui algum dia
Foi apoio d'harmonia.⁸

Todo⁹ tem unhamento¹⁰
Em buliçoso elemento:
35 Tenham cuidado que se a morder¹¹
Alguém mau fado tem que sofrer¹².

A segunda fere os ares
Com azul, e parda pluma:
E se a outra bem mirares,
40 Por ela a vida se fuma.
O seu todo é lindo Porto:
Que lá fora sem ser morto!

⁶ Este verso tem oito sílabas, sendo, pois, hipermétrico.

⁷ À margem, vem a seguinte nota: *Perdoe o toante*.

⁸ Estes dois versos estão escritos na entrelinha superior, substituindo versos riscados.

⁹ Há certamente gralha no original, pois tal como está o verso é hipométrico. A emenda mais óbvia consistiria na introdução do determinante.

¹⁰ unhamento – operação que consiste em colocar o bacelo (muda de videira) na manta (rego largo cavado na terra), aconchegando-o com terra no lugar onde deverá enraizar; a parte do bacelo que se unhou e criou raízes; ação de dar unhada em algo ou alguém.

¹¹ Acima de *tenham*, está escrito 1; por cima de *cuidado que se a morder*, está escrito 2.

¹² Acima de *Alguém*, está escrito 3; por cima de *tem que*, está escrito 4.

O poema é anônimo e não está datado, havendo poucos elementos que permitam contextualizá-lo: parece apenas poder depreender-se dos dois versos iniciais que foi escrito em Lisboa (ou, pelo menos, no Portugal metropolitano). Também não é clara a razão que leva o autor a dirigi-lo a José Basílio da Gama: a legenda tem um tom ligeiramente zombeteiro, mas para o compreendermos melhor teríamos de saber o referente de “suas Lições”.

Quanto ao enigma propriamente dito, a resposta parece impossível, tanto mais que às dificuldades especiais deste tipo de texto se junta a divisão do objeto em duas partes, designadas por “primeira” e “segunda”. Atrever-me-ei, contudo, a propor uma solução, pedindo antecipadamente a benevolência do leitor para com o meu eventual erro. Creio que a resposta geral é *açúcar* e que cada estrofe e cada verso incidem em algum elemento particular do seu processo de produção.

Vejamos a primeira estrofe:

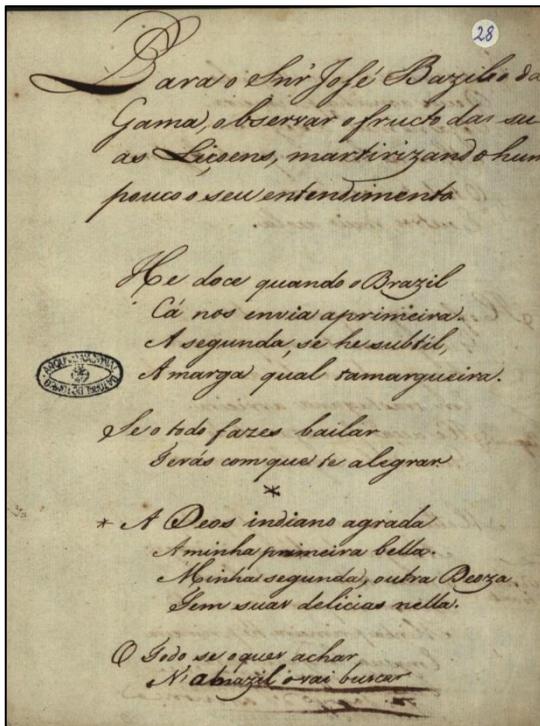
É doce quando o Brasil
Cá nos envia a primeira.
A segunda, se é subtil,
Amarga qual tamargueira.
Se o todo fazes bailar,
Terás com que te alegrar.

Penso que a primeira parte da solução é também *açúcar*, que é doce e, à época, enviado do Brasil. A segunda, amarga quando subtil, julgo que se refere a outro dos produtos resultantes da moagem da cana-de-açúcar: aquilo que no período em causa se chamava aguardente da terra e hoje se conhece pelo nome de cachaça. Quanto aos dois últimos versos, é possível que “bailar” esteja no sentido de “mexer” e que, portanto, se esteja a fazer referência a uma espécie de refresco resultante da mis-

tura da cachaça com o açúcar, numa antecipação do que veio a ser a caipirinha.

A segunda estrofe parece apontar para elementos que são parte da fabricação do açúcar:

A Deus indiano agrada
A minha primeira bela.
Minha segunda, outra Deusa
Tem suas delícias nela.
O todo, se o quer achar,
No Brasil o vai buscar.



Primeira página do manuscrito

O “Deus indiano” pode ser Kamadeva, deus hindu do amor, que é representado com um arco feito de cana-de-açúcar. Embora faça menos sentido, poder-se-ia também admitir – na continuidade da aguardente sugerida atrás – a referência a Baco, que, embora não tenha nascido na Índia, por lá passou, ensinando a cultura da vinha. A “Deusa” que “Tem suas delícias nela” pode ser Afrodite (ou Vénus), também deusa do amor na mitologia greco-romana, cujo nascimento, de acordo com a narração de Hesíodo, resultou da espuma do mar: Crono teria cortado os testículos do seu pai, Úrano, atirando-os para o mar; a espuma daí resultante – e interpretada como o esperma do nume – serviria para gerar a deusa. A resposta a esta parte do enigma seria assim *espuma*, que apresenta sentido duplo: a espuma que faz as delícias da deusa é o sêmen; a espuma que se relaciona com a cana-de-açúcar é a que resulta da fervura do caldo de cana (a segunda parte da qual era usada para a produção de cachaça).

A resposta para a estrofe seguinte também não é fácil:

Entre mim e meu vizinho,
Decide a minha primeira.
Pesa no mal a segunda,
Mas no bem sempre é ligeira;
O todo temos nós cá,
E outros mais acolá.

Uma possibilidade será a de admitir que a “primeira” e a “segunda” são componentes do chamado engenho de água. O todo será o moinho, que “temos nós cá”, que existia, portanto, em Portugal, mas era menos comum no Brasil, e que outros, talvez os Países Baixos¹³, tinham “mais acolá”.

¹³ Sobretudo como estratégia, bem antiga, de resolver o problema das inundações resultantes do facto de as terras estarem abaixo do nível do mar.

A quarta estrofe poderá ser encarada como uma particularização do engenho de água:

É furiosa, espumante,
Quasi sem termo, a primeira;
A segunda anda a seu modo
Em trastagana arrieira.
É ação formosa o todo,
Quando é regular seu modo.

A “primeira” seria a água que faz mover o engenho e a segunda, que “anda a seu modo/ Em trastagana arrieira” seria a roda. Bluteau (1712: I, 117), na sequência de outros autores, descreve assim estes engenhos:

Ha engenho de Boys, ou com maior commodo, de cavallos, & engenho de agoa. Este ultimo he de tres maneiras; porque ou a agoa não chega fê não â parte inferior da roda, & chamafe *Rafteiro*, ou toma a roda pello meyo, & chamafe *Meyo copeiro*, ou cahe de cima fobre a roda, & chamafe *Copeiro*. Anda efte moinho, ou engenho de agoa, com a ajuda de tres rodas, que tem dentes, chamãolhe, *Roda de agoa*, *Rodete*, & *Bolandeira*, os rayos da roda mayor faõ dobrados, & chamãolhe *Aspes*, & *Contrages*. Hum, & outro engenho tem tres eixos muito grossos, feitos de huma madeira durissima, a que chamão, *Jacapucaya*. São eftes eixos chapeados de ferro, & fobre groffas traves atravessadas a que chamão *Pontes*, & *Chumaceiros*, se revolvem, & as traves, que fultentão todo o engenho, chamãofe *Virgens da moenda*.

À primeira vista, a estrofe subsequente parece constituir uma charada, pelo menos na quadra de início:

Mete a primeira em sapato,
A segunda dá meia droga;
O meu todo nem de barro
Dizem se quer ver à porta.
Minha primeira é primeira
Em sua longa carreira[.]
A obra aqui algum dia

Foi apoio d'harmonia.

De facto, poderíamos admitir que “primeira” e “segunda” se referem a sílabas de uma palavra: para o verso inicial teríamos como resposta *pé* e, para o segundo, *dro* (que é, de facto, metade de *droga*; *meia*, evidentemente, jogaria com *sapato*). O “todo” daria *Pedro*, nome que justifica provérbios como *Pedro, nem tê-lo, nem mantê-lo, nem à porta vê-lo*, o que está de acordo com os dois versos seguintes. Contudo, o problema não ficaria resolvido: faltaria explicar os últimos versos da estrofe e estabelecer a relação desta resposta com o resto do poema. Será preferível então admitir que a estrofe se refere ao açúcar e a uma nova fase do processo de produção. Nesse sentido, “sapato” pode ser uma designação metafórica da forma em que era despejado o melaço (o caldo já cozido). Outra hipótese seria considerar “sapato” como estabelecendo um jogo com “sapatilho”, a primeira folha seca que se tira da cana-de-açúcar. Mas, atendendo à sequência que o poema parece desenvolver, a alusão à folha da cana fará talvez menos sentido. Não tenho explicação para a “meia droga” do segundo verso; talvez *xarope* faça algum sentido. Quanto ao “todo” que não “se quer ver à porta”, uma possibilidade seria o *sino*, configuração das formas de barro em que era despejado o caldo cozido depois de coado. Mesmo assim, os quatro versos finais da estrofe ficam sem explicação.

Igual dificuldade oferece a penúltima estrofe:

Todo tem unhamento
Em buliçoso elemento:
Tenham cuidado que se a morder
Alguém mau fado tem que sofrer.

O “buliçoso elemento” será o fogo que permite o cozimento do caldo ou o vento que agita o canavial?

Quanto à última estrofe, a resposta parece um pouco menos inacessível:

A segunda fere os ares
Com azul, e parda pluma:
E se a outra bem mirares,
Por ela a vida se fuma.
O seu todo é lindo Porto:
Que lá fora sem ser morto!

Como à inflorescência da cana se chamava *bandeira* ou *flecha*, é de admitir que os dois versos iniciais a isso se refiram. “a outra” talvez seja o açúcar já refinado, comparável ao pó que, segundo o Gênesis, define a condição humana. O penúltimo verso poderá ser uma alusão ao *pão de açúcar*, a forma que assumia o açúcar cristalizado e que serviu para designar o morro à entrada da barra do Rio de Janeiro. Mais uma vez, fica por explicar o verso final.

Uma última nota sobre a forma um tanto estranha do poema. O modelo estrófico parece ser a sextilha, mas a verdade é que temos também uma oitava e uma quadra. O esquema rimático da estrofe de seis versos (ABABCC ou ABCBDD) mostra que ela se estrutura como a junção de uma quadra e de um dístico. O verso é de redondilha maior, apesar de duas falhas assinaladas em nota.

Chegando ao fim deste desafio, não poderei concordar totalmente com a crítica que Verney dirigiu aos enigmas e aos seus cultores: haverá certamente formas melhores e mais úteis de aplicação do engenho, mas o desafio que foi proposto a Basílio da Gama prova bem as potencialidades do jogo, seja como mero passatempo, seja como forma de exercício e de aprendizagem. A mim, pelo menos, obrigou-me a tomar contato – entre muitas outras coisas relativas a hipóteses que abandonei – com as etapas do processo tradicional de fabricação do açúcar.

Bibliografia

- Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Papéis do Brasil. Avulsos 3, n.º 28.
- Bluteau, Rafael (1712-1728). *Vocabulario Portuguez e Latino (...)*. 10 vols. Coimbra / Lisboa: Colégio das Artes / Pascoal da Sylva / Joseph Antonio da Sylva / Patriarcal Officina da Musica.
- Hatherly, Ana (1983). *A experiência do prodígio: bases teóricas e antologia de textos-visuais portuguesas dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: IN-CM.
- Hatherly, Ana (1988). O divertimento proveitoso: enigmas barrocos portugueses. *Colóquio / Artes*. 76 (mar.), pp. 5-13.
- Topa, Francisco (2001). *Poesia inédita de Luís António Vernei*. Porto: Edição do Autor.
- Verney, Luís António (1746). *Verdadeiro metodo de estudar para ser util à República e à Igreja* proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal exposto em varias cartas / escritas polo R. P. Barbadinho da Congregasam de Italia. Valença: Oficina de Antonio Balle.

JOÃO ANTÓNIO FREDERICO FERRO

E A INVASÃO FRANCESA DE 1809:

O saque dos conos

Segundo Inocêncio Francisco da Silva (1859: III, 289), João António Frederico Ferro seria natural do Porto, tendo nascido provavelmente entre 1780 e 1785. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, seria um defensor dos “princípios da monarchia absoluta, e mais tarde [d]os contestados direitos do sr. D. Miguel ao throno de Portugal.” Teria escrito:

– *Odes recitadas nas tres noutes em que o Senado da Camara da cidade do Porto solemnizou a feliz restauração de Portugal*, Coimbra, na Impr. da Universidade, 1808;

– *Ode ao Vice-reitor da Universidade, e aos portuguezes, por occasião da restauração de Portugal*, *ibid.*, na mesma Impr., 1808.

Acrescenta o autor do *Diccionario bibliographico portuguez*:

Attribue-se-lhe ainda a composição de um poema obsceno, impresso clandestinamente por mais de uma vez, que é assás conhecido, e do qual foi tristissimo assumpto a invasão dos francezes no Porto em 1809, comandados por Soult.

Refere igualmente Inocêncio que “me affirmam ser d’elle o seguinte opusculo, publicado anonymo:

307) *Desafogos poeticos de um corcunda portuense no tempo da Constituição*, Lisboa, na Offic. da Horrorosa Conspiração, 1823. 4.^o” (Silva, 1859: III, 289-290).

No tomo X, terceiro do suplemento (Silva, 1883: X, 154), acrescenta-se mais um poema:

– “*Ode ao il.^{mo} e ex.^{mo} sr. Manuel Paes de Aragão Trigoso*, etc. Sem logar da impressão, mas parece ter sido impressa em Coimbra, como o foram outras poesias da mesma epocha. A dedicatória é datada de 26 de agosto de 1808.”

No tomo seguinte (Silva, 1884: XI, 275), junta-se um último texto:

– “*Ode a João Manuel de Mariz Sarmiento, capitão de artilheria do real exercito portuguez e restaurador da cidade do Porto. Offerecida ao principe regente por um vassalo fiel*. Corunha, na imp. de D. Francisco Candido Perez Prieto. Sem data. 4.º de 7 pag.”.

Como também diz Inocêncio, Frederico Ferro foi redator do jornal político *Correio do Porto*, que se publicou entre 1820 e 1834. Embora anónimos, há vários poemas aí inseridos que talvez sejam da sua autoria. É o caso da ode que vem no número de 24 de agosto de 1821 – um número impresso a vermelho, numa forma de assinalar a efeméride – e que voltaria a ser publicada no mesmo dia do ano seguinte. Entre outros aspetos político-ideo-lógicos interessantes, aí podemos ver uma proclamação de fé na Razão e nos seus efeitos sobre a superstição:

A luminosa Estrella
Da Celeste Razão, que envergonhada
Entre sombras vagava, appar’ceo bella
Em Tua Madrugada!
O Horisonte ostentou nova belleza;
Sôu no Douro a voz da Natureza!

Entre suave canto,
Em Carro triunfal, candida veste,

A saúdar-Te baixou do Olimpo sancto
Religião Celeste;
De seu lume affastando sempre puro
Da vil Superstição o bafo impuro!

A relação de obras apresentada no volume II do *Dicionário bibliográfico da Guerra Peninsular*, de Cristovam Ayres de Magalhães Sepúlveda (1926: 34), não apresenta novidades, excetuando a menção explícita do texto que nos interessa:

– “Saque dos c... ou Relação do que aconteceu às Moças do Porto, pela entrada do Exercito Francez, em março de 1808, (9?). Poema epico dedicado à immortal Catharina... Sem lugar d’imp.^a e sem data, 12 pag. e 2 gravuras.” O autor transcreve depois a informação de Inocêncio, de acordo com a qual o autor seria Frederico Ferro.

Para além dessa, que não consegui localizar, e de uma outra de que falarei mais à frente, há uma edição feita no Rio de Janeiro, em 1836, sem indicação de tipografia ou casa editora: *Saque dos Conos ou Relação do que aconteceu ás Moças do Porto Pela entrada do Exercito Francez, em Março de 1808*¹; *Pelo Senhor F....* Esta edição tem a particularidade de apresentar um prólogo cujo interesse resulta da circunstância de se tratar do primeiro – e até agora único, tanto quanto julgo saber – texto crítico sobre o poema erótico de Frederico Ferro. Percebe-se, contudo, de imediato que o anónimo editor tenderá a preferir a preterição e as generalidades à crítica precisa:

Como de ordinario não se imprime obra alguma, sem que o seu competente prologo a preceda, sou obrigado a prevenir o publico, que em quanto ao auctor do Saque, eu apenas sei, que pertence ao Senhor F. do Porto, e até nem sei mais, que a letra inicial de seu sobrenome. Em tal caso sou obrigado a supprir em parte a esta especie de ornato, ou condecoração de imprensa.

¹ Na verdade, 1809.

Depois disto vem um comentário genérico sobre o estilo e “os bons rasgos de moral”:

(...) achei que o Senhor F.... faz muitos bons versos pois que nelles se acha cadencia, força e expressão &c., e preferirei esta obra á Martinhada por ser menos hyperbolica, e haver nella factos muito authenticos; tem bellos rasgos de imaginação, as comparaçoens magnificas (...).

Pessoa alguma das que estiverem ao facto deste Poema, deixarão de conhcer o bello espirito do auctor neste genero, e a sua bella propensão; mas ninguem lhe poderá negar, no meio de suas gaiatisses os bons rasgos de moral, que muito a tempo desenvolve.

O prólogo termina com a defesa da utilidade deste tipo de literatura, através de um argumento duplo:

(...) não pode estimar-se o bem, sem o conhecimento do mal, e que o decente seria desconhecido, se o indecente não existisse, e emfim, que nada é capaz de fazer perpetuar no homem faltas mais graves, do que seja a ignorancia.

Há muitas obras serias, mas tambem as á joco-serias, e umas dão merecimento as outras; á muitas decentes, e as indecentes são igualmente uteis, finalmente não á obra alguma, que não tenha o seu merito.

Como seria de esperar de uma obra deste tipo, há várias versões manuscritas de *O Saque dos Conos*. Embora não tenha feito nenhuma pesquisa exaustiva a propósito, localizei três, em bibliotecas diferentes:

- Arquivo Distrital de Braga, Ms. 96 (atribuído a “J. A. Fr. Ferro”);
- Biblioteca Pública Municipal do Porto, Ms. 1951, em que há uma nota dizendo que se trata de cópia de um impresso (com muita probabilidade a edição de 1836, do Rio de Janeiro);
- Library of Congress, Washington, Portuguese Manuscripts, Ms. 127.

O SAQUE DOS CONOS

POEMA

DEDICADO A' MEMORIA DA IMMORTAL

CATHARINA

POR

J. A. FREDERICO FERRO



ALGER

Typographie et Lythographie A. BOUYER,
Rue Bab-Azoun

A estas três versões – nenhuma datada e todas apógrafas – somam-se pelo menos três edições: a que foi referida por Magalhães Sepúlveda, sem data nem lugar de edição; a do Rio de Janeiro, de 1836²; uma outra, sem data, alegadamente impressa em Alger, na Typographie et

² Existente na Biblioteca Pública Municipal do Porto, com a cota P-D-116.

Lythographie A. Bouyer, com 108 pp.³ Para além de outras particularidades, esta última indica explicitamente o nome do autor: J. A. Frederico Ferro. Esse dado faz supor que ela seja posterior à do Rio de Janeiro, dado que Inocêncio, em 1859, mostra não a conhecer: caso contrário, não daria como dubitada a autoria de Ferro. Confrontando os testemunhos, percebem-se facilmente os erros de cada um e a conseqüente necessidade de restituir criticamente o texto. Não é esse contudo o propósito deste artigo, com o qual pretendo apenas chamar a atenção para uma forma diferente de encarar a invasão francesa de 1809, cumprindo um duplo objetivo: apresentar um autor que, sendo obviamente um poeta menor da fase epigonal do nosso neoclassicismo, tem algum interesse, sobretudo pelas suas posições político-ideológicas; discutir um dos poucos textos da nossa pobre literatura erótica – ou pornográfica, ou obscena, discussão um tanto estéril em que não entrarei –, mais raro ainda devido à opção pelo género épico e por um tema que diríamos *impossível*.

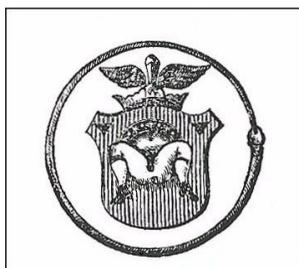
Embora apresente numerosas gralhas e vários erros claros, seguirei a edição de Alger, que é a mais interessante: pela indicação explícita do autor; pela estratégia de dissimulação dos elementos tipográficos, um procedimento comum neste género editorial; pelas ilustrações obscenas; pela inclusão de outros textos, aparentemente do mesmo autor.

Na verdade, no que diz respeito a *O saque dos conos*, as ilustrações são apenas três: uma gravura antecedendo o texto, no anterrosto, em posição vertical, o que obriga o leitor a virar o livro:

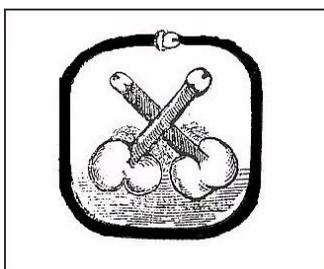
³ Há um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota L. 75003 P.



uma vinheta na folha de rosto, numa subversão paródica dos símbolos nacionais:



outra no final do poema (p. 16):

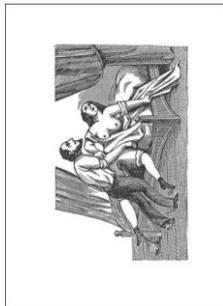


em todas ressaltando a dimensão dos falos, como é habitual no género.

A edição inclui também três outros textos, que deverão ser tidos como pertencendo a Frederico Ferro, uma vez que nada é dito em contrário: o “Regimento para conhecer se as putas tem gallico”, uma letrilha em quintilhas de redondilha menor, seguidas de um quebrado de três sílabas; “Documentos para os novatos não pagarem mais do que devem” (subentenda-se: no comércio carnal), outra letrilha de idêntica forma; um texto em prosa, bem mais longo, intitulado “Os Amores galanteios e passatempos das actrizes ou Confissões curiosas e divertidas dessas senhoras, recopiladas da Grande Opera de Paris, e agora traduzida (sic) em portuguez por ***”. Há ilustrações em dois destes textos: uma vinheta no final do primeiro (p. 21):



uma gravura sensivelmente a meio do último (antes da p. 81), mais uma vez em posição vertical:



e outra vinheta no final do mesmo texto, que coincide com o final da obra (p. 108), agora com uma legenda que se lê da direita para a esquerda:



Feita esta breve apresentação do livro na edição de Alger, passarei então a *O Saque dos Conos*, que, como se depreende do título e também do subtítulo de outras edições (“Relação do que aconteceu às Moças do Porto, pela entrada do Exército Francez, em março de 1808”), se propõe narrar, em estilo épico – como é característico do chamado poema heróico-cómico –, as violações cometidas pelas tropas napoleónicas. Trata-se de um poema de fôlego curto, constituído por dois únicos cantos, num total de 286 versos decassilábicos, maioritariamente heroicos, de estrofação irregular e rima emparelhada. O desenvolvimento do argumento revela também, como rapidamente teremos oportunidade de ver, o fôlego curto do autor: se, por um lado, devemos reconhecer a ousadia e o ineditismo – pelo menos em contexto nacional – do tema, por outro não podemos deixar de lamentar o seu empobrecimento com a restrição ao mundo conventual e com o aparente propósito moralizador de alertar os pais para os riscos que correm com as filhas. Apesar desta nota anticlerical (ou anticonventual) – que aliás parece contrariar a verdade históri-

ca⁴ –, Frederico Ferro está bem longe dos libertinos franceses dos séculos XVII e XVIII, embora o seu texto não mereça o esquecimento em que acabou por cair.

O primeiro sinal da cedência ao lugar-comum vem na epígrafe, retirada de um conhecido soneto que andou atribuído a Bocage⁵ e que sublinha a dedicatória à “Immortal Catharina” – Catarina II da Rússia, conhecida pelos seus inúmeros amantes:

Essa da Rússia imperatriz famosa
Que inda a pouco morreu (diz a Gazeta)
Entre mil porras expirou vaidosa.

Um pouco mais interessante é o modo como o autor atualiza a estrutura do poema épico, abrindo com a invocação, que ocupa os dois primeiros versos:

Ainda uma só vez, Musa te rogo,
A meu extremo assumpto inspira fogo:

Há duas expressões curiosas nesta passagem: *fogo*, um termo que no contexto de um poema erótico é equívoco, dado o seu sentido duplo; *extremo assumpto*, que parece evidenciar a consciência transgressora do tema.

Temos depois a proposição, em que a narrativa é apresentada como “caso novo” (v. 3) e “extranho assumpto” (v. 6), e uma espécie de invocação – mais declaradamente paródica – às “dos Guindaes nymphas tunantes” (v. 7), que “a cada canto” fazem “sementeira” “Da mais cruel, podre galliqueira;” (v. 10). Um tanto previsível, este tópico

⁴ De acordo com testemunhos contemporâneos, os conventos terão colaborado na resistência ao invasor. Cf. Lima, s/d: 49.

⁵ Começado pelo verso “Não lamentos, ó Nise, o teu estado” e hoje considerado da autoria provável de João Vicente Pimentel Maldonado.

das doenças venéreas justifica-se aqui pela possibilidade de introduzir o tema do francês. Note-se também o efeito estilístico da animização metonímica e da espécie de oxímoro desta passagem:

Desta sorte obrigando as pobres picas
A viagem fazer pelas boticas,
Na mão levando, em vez de passaporte,
As receitas, que dão á bolsa morte: (vv. 11-14)

A narração começa com a referência à fuga da população de Braga para o Porto e ao contraste entre o terror do povo e a alegria das moças e, em particular, das freiras:

Quando tudo era horror, espanto tudo,
Para as moças chegava um novo estrudo;
E as freiras nos conventos com tal nova
Aos já defuntos virgos dando escova,
Saltavam de prazer, prevendo rotos
Os que a força fizeram sacros votos,
Insólito prazer banhava a todas,
Só na lembrança das futuras fodas. (vv. 23-30)

Mantendo o registo humorístico, o narrador põe depois a ridículo a preocupação dos pais com a honra das filhas:

Todos tentam fugir, mas, mais se acendem
Os pais, que pôr a salva (sic) só pretendem
Virgo aparente, a quem tirára a vida
Com a ponta do dedo mão suicida.
Ou a quem, bem que a furto, algum supapo
Com a trompa já deu grosso marzapó;
Porque a foda que é dada ás escondidas
Sempre conserva o virgo ás mais fodidas. (vv. 35-42)

Um pouco mais à frente, a sátira estende-se aos noivos, numa aparente alusão à obra de João de Barros, *Espelho de casados*:

Oh vós, que ides casar, por meu conselho
Vinde, vende (sic) mirar-vos neste espelho! (vv. 53-54)

Num registo que se aproxima do poema herói-cómico, *O Saque dos conos* revela-se assim mais obsceno do que erótico ou pornográfico. O discurso direto – das moças ansiosas pela chegada dos franceses, das freiras e da Abadessa, esta também apresentada em monólogo com o seu “parrameiro” – assegura a vivacidade do relato, em que podemos encontrar hipérbolos curiosas:

O allemão caralho corpulento,
Capaz té de foder o pensamento; (vv. 69-70)

ou um uso inesperado do aforismo:

Não é preciso ir fóra buscar brasa,
Quando póde vir ter o lume a casa. (vv. 71-72)

O canto II abre com uma invocação a Calíope, a quem o narrador pede que lhe ensine “O trabalho das fodas na officina;” (v. 2), seguindo-se a narração das investidas sexuais das tropas francesas, que não terão encontrado nenhuma virgem:

Em virgos não fallemos nesta empreza,
Que destes não provou porra franceza; (vv. 7-8).

A par de metáforas e imagens interessantes:

Sendo a porra imperial p’ra [a]vós e tias
O rei Sebastião das prophcias! (vv. 29-30)

E soldado francez, que moça monta
É potente pardal, fode sem conta. (vv. 47-48)

surge frequentemente o discurso hiperbólico, sublinhando as façanhas francesas e o prazer causado nas destinatárias. Vejamos um exemplo do primeiro tipo:

Entre ellas reluzia um grã mazarpo,
Que de certo era porra de Priapo;
Fazia o seu minguante no joelho,
E o crescente o levava além do artelho,
De sorte que essa porra, que as fodengas
De Cascaes iam dar là nas Berlengas,
Em competencia d'este bom pepino
Parecia-me minhoca de menino:
Tão potente da foda nos trabalhos
Que na força igualava a cem caralhos,
Capaz de meia hora foder todas,
Pois só de um talho dava treze fodas!
Ninguém há, que não queira o membro eterno,
Que é badalo de sino lá no inferno; (vv. 61-72)

Quanto ao prazer das freiras, sirva de exemplo a seguinte passagem, relativa à abadessa:

E tanto a tal fodenga saborea,
Que a vir-se esteve mais de hora e meia: (vv. 129-130)

Inicialmente esquecida, a madre só recebe atenção depois de dirigir uma longa súplica “ao gran caralho” (v. 92), no decurso da qual alude a algumas formas de obtenção de prazer que, para o leitor contemporâneo, constituem um curioso apontamento sobre os costumes da época:

Em vez de porra já usei de tripa,
Com que a luxúria o fogo dissipa. (vv. 101-102)

Estraguei bom proveito neste estudo
Seis ou sete caralhos de velludo, (vv. 107-108)

O poema termina com uma espécie de moralidade, dirigida aos pais, numa aparente justificação do tom anticlerical (ou anticonventual):

Pais vigilantes, que dobraes cautellas
Por sempre conservar filhas donzellas,
E vos outros, que sò por frioleiras,
Á força ides metter as filhas freiras,
Esta lição vos sirva de pressagio,
Que póde ainda chegar outro naufragio. (vv. 147-152)

Concluindo, creio que nem o texto nem o autor merecem o esquecimento a que têm estado votados e que se justifica, portanto, um estudo mais demorado. Não sendo – ou não parecendo ser – *O saque dos conos* um desses livros que se leem com uma só mão, para retomar a expressão de Jean-Marie Goulemot (2000), importa tentar perceber, por exemplo, o alcance da provocação quase *nonsensical* que resulta da forma com Frederico Ferro alude ao desastre da Ponte das Barcas: “Apenas escaparam com bem magoa/ As que o Douro fodeu debaixo d’agua.” (vv. 51-52). Esperemos que esta breve apresentação represente um primeiro passo nesse sentido.

Bibliografia

- Anónimo (1836). *Saque dos Conos ou Relação do que aconteceu ás Moças do Porto Pela entrada do Exercito Francez, em Março de 1808; Pelo Senhor F.....* Rio de Janeiro.
- Ferro, J. A. Frederico (s/d). *O saque dos conos. Poema dedicado á immortal Catharina*. Alger: Typographie et Lithographie A. Bouyer.

- Goulemot, Jean-Marie (2000). *Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVII*. São Paulo: Discurso Editorial.
- Lima, Durval Pires de (s/d). *Os Franceses no Porto, 1807-1808*. Diário de uma testemunha presencial, anotado e precedido de uma introdução. Vol. II. Porto: Gabinete de História da Cidade.
- Sepúlveda, Cristovam Ayres de Magalhães (1926). *Dicionário bibliográfico da Guerra Peninsular*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Silva, Inocêncio Francisco da (1859, 1883 e 1884). *Diccionario bibliographico portuguez*. Vol. III, X e XI. Lisboa: Imprensa Nacional.

Proveniência dos textos

- Crime e castigo no Porto de setecentos: relato poético de um enforcamento falhado. *História: revista da FLUP*. Porto. ISSN 0871-164X. IV; 7: 2 (2017), pp. 160-189;
- A sátira depois da morte: um testamento em verso do Governador Luís Baía Monteiro, o ‘Onça’. *Navegações: revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Porto Alegre / Lisboa. ISSN 1982-8527. I: 1 (2008), pp. 67-70;
- Um inventor poeta: a geleia de Alexandre Inácio Silveira oferecida à Princesa do Brasil. *Navegações: revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Porto Alegre / Lisboa. ISSN 1982-8527. IV: 1 (2011), pp. 110-113;
- Um desafio em forma de enigma proposto a Basílio da Gama. *Texto Poético: revista do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL)*. ISSN 1808-5385. 24 (2018), pp. 28-38;
- João António Frederico Ferro e a invasão francesa de 1809: *O saque dos conos*. In BOURA, Ana Isabel et al., org. (2014). *Construção de identidade(s): globalização e fronteiras*. Frankfurt: Peter Lang. ISBN 978-3-631-65522-1. pp. 189-200.

• Crime e castigo no Porto de setecentos: relato poético de um enforcamento falhado • A sátira depois da morte: um testamento em verso do Governador Luís Baía Monteiro, o *Onça* • Um inventor poeta: a geleia de Alexandre Inácio Silveira oferecida à Princesa do Brasil • Um desafio em forma de enigma proposto a Basílio da Gama • João António Frederico Ferro e a invasão francesa de 1809: *O saque dos conos*



ISBN 978-989-53548-1-8



9 789895 354818